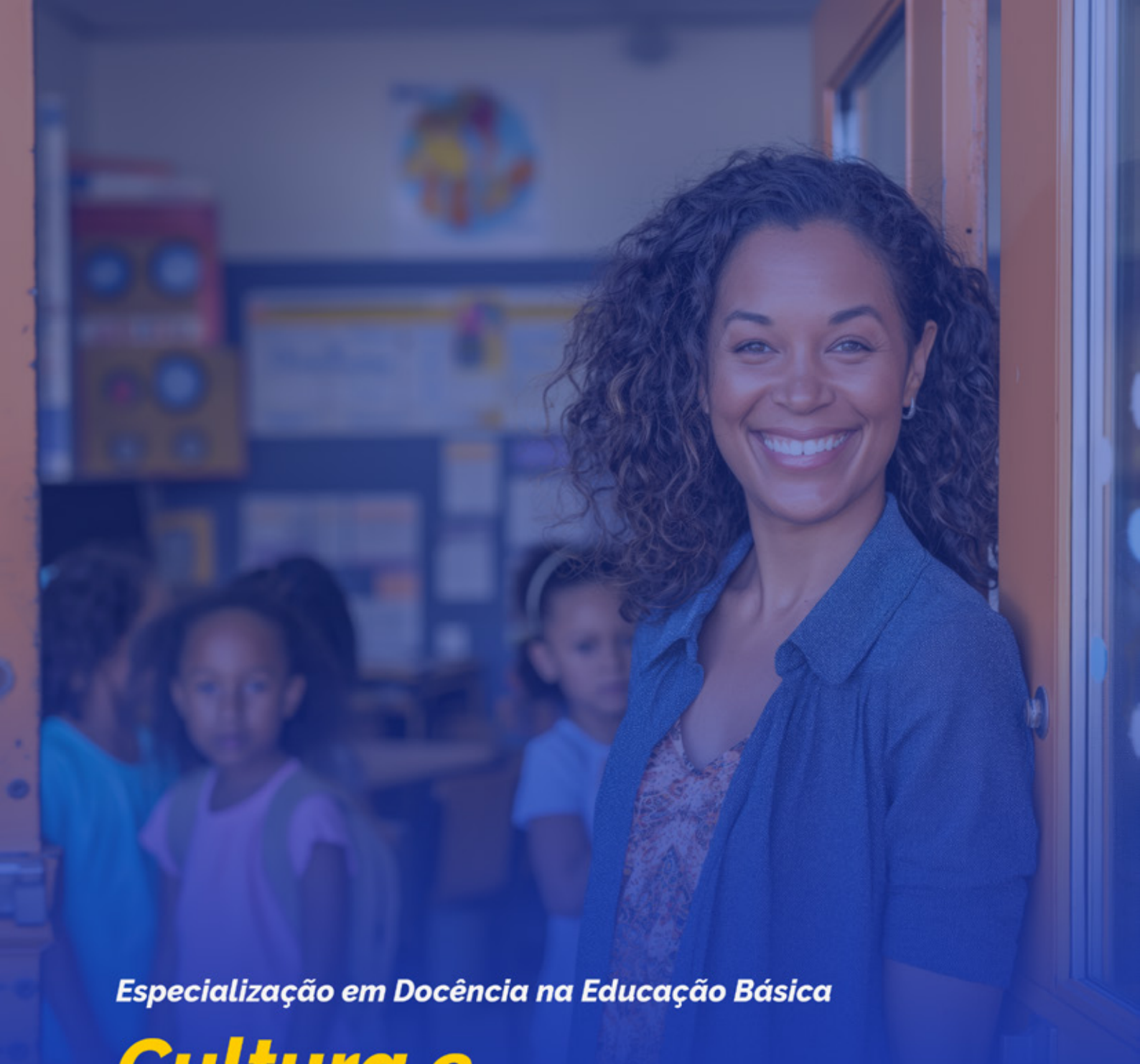


A smiling woman with curly hair, wearing a blue button-down shirt over a patterned top, stands in a classroom. In the background, several young children are visible, and the room is decorated with educational posters and a colorful mobile hanging from the ceiling.

Especialização em Docência na Educação Básica

Cultura e organização da sala de aula



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Alessandra Novak
Alessandra Pereira da Silva
Fransueli Bahr da Silva de Góes
Kaique Menezes da Silva

Cultura e organização da sala de aula

Campo Grande - MS

2026

Sobre o E-book

Este e-book integra o material didático do Curso de Especialização em Docência na Educação Básica, uma iniciativa da Secretaria de Educação Básica (SEB), do Ministério da Educação (MEC), coordenada pela Agência de Educação Digital e a Distância (Agead) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). A ação integra o Programa Mais Professores para o Brasil, voltado à valorização e ao fortalecimento da formação docente, incluindo iniciativas como a Bolsa Mais Professores.

Ministério da Educação

Ministro

Camilo Sobreira de Santana

Secretário Executivo

Leonardo Osvaldo Barchini Rosa

Secretária de Educação Básica

Kátia Helena Serafina Cruz Schweickardt

Diretora de Formação Docente e Valorização dos Profissionais da Educação

Rita Esther Ferreira de Luna

Diretor de Políticas e Diretrizes da Educação Integral Básica

Alexsandro do Nascimento Santos

Diretora de Apoio à Gestão Educacional

Anita Gea Martinez Stefani

Diretor de Monitoramento, Avaliação e Manutenção da Educação Básica

Valdoir Pedro Wathier

Diretora de Incentivos a Estudantes da Educação Básica

Marisa de Santana da Costa

Coordenadora-Geral de Formação de Professores da Educação Básica

Lucianna Magri de Melo Munhoz

Coordenação

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Bruno Dias Amaro
Daiani Damm Tonetto Riedner
Fernanda Malinosky Coelho da Rosa
Ana Carolina Pontes Costa
Mauro dos Santos de Arruda
Natália Cristina de Oliveira
Hercules da Costa Sandim

Coordenadores Regionais

Edilene Simões Costa dos Santos - UFMS
Heloisa Laura Q. G. da Costa - UFMS
Jean Carlo Pech de Moraes - UFRGS
Milene Bartolomei Silva - UFMS
Régis Leandro Braguim Stábile - IFSP

Projeto Gráfico

Marina Granja Arakaki - UFMS

Diagramação

Raissa Araujo
Natália Ramos

Parceiro Técnico

Instituto Canoa

Mário César Gonçalves Simões
Mila Molina Carneiro

Autoria

Instituto Canoa

Alessandra Novak
Alessandra Pereira da Silva
Fransueli Bahr da Silva de Góes
Kaique Menezes da Silva

Apoio Institucional

Rede PED

Revisão de Língua Portuguesa

Wagner Nascimento

Revisão de Conteúdo

Ana Carolina Pontes Costa - UFMS
Fabiana Oliveira Paixão Fernandes -
Instituto Canoa
Maria Teresa Ribeiro - Instituto Canoa
Mila Molina Carneiro - Instituto Canoa
Pedro Salina Rodovalho - UFMS



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Com exceção das citações diretas e indiretas referenciadas de acordo com a ABNT NBR 10520 (2023) e ABNT NBR 6023 (2018) e dos elementos que porventura sejam licenciados de outro modo, este material está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional.

**Disciplina:**

Cultura e organização da sala de aula

**Carga Horária:**

45 horas

**Autoria:**

Alessandra Novak

Alessandra Pereira da Silva

Fransueli Bahr da Silva de Góes

Kaique Menezes da Silva

**Ementa:**

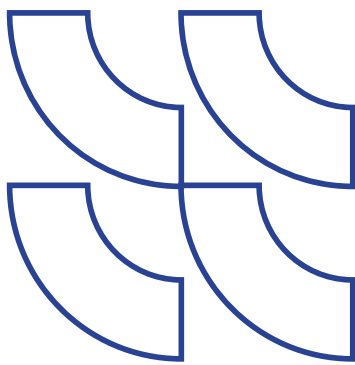
Conceito de gestão da sala de aula. Dimensões da gestão da sala de aula: organização do espaço físico e gestão do tempo. Gestão de relacionamento e comportamento em sala de aula.

**Objetivo Geral:**

Planejar práticas de cultura e organização da sala de aula, visando construir uma compreensão que contemple diferentes dimensões: a organização do ambiente, o planejamento das atividades, a gestão do tempo e as estratégias para lidar com os diferentes comportamentos dos estudantes.

**Objetivos Específicos:**

- Relacionar a concepção de educação com as práticas de gestão e organização da sala de aula.
- Planejar o uso de estratégias que possam facilitar uma gestão efetiva da sala de aula. Planejar a organização do espaço físico, das atividades e do tempo de modo a favorecer a aprendizagem e o funcionamento da sala de aula.
- Construir normas e rotinas que contribuam para lidar com situações comportamentais que impactam as relações e a aprendizagem na sala de aula.



Sumário

Este é um **sumário interativo**. Clique nos tópicos para navegar pelo conteúdo.

- 8. **Módulo 1 - Visão de gestão e organização da sala de aula**
- 9. Apresentação
- 10. **Unidade 1 - A identidade do professor e a gestão da sala de aula**
- 12. Prática em foco
- 13. O que é fazer gestão da sala de aula?
- 15. O equilíbrio entre autoridade e liberdade
- 19. Prática em foco
- 19. Retomando a pergunta inicial
- 20. **Unidade 2 - A gestão em salas de aula complexas**
- 21. Salas de aula são ambientes complexos
- 22. Princípios norteadores da gestão da sala de aula
- 23. Retomando a pergunta inicial
- 24. Considerações finais
- 25. Referências
- 26. **Módulo 2 - Organização do espaço físico e gestão do tempo**
- 27. Apresentação
- 28. **Unidade 1 - Organização do espaço físico da sala de aula: uma escolha pedagógica**
- 29. Prática em foco
- 30. O planejamento do ambiente físico como parte da gestão da sala de aula
- 31. Será que existe um arranjo ideal?
- 32. Prática em foco
- 36. As funções do ambiente da sala de aula



- 37. Retomando a pergunta inicial
- 38. **Unidade 2 - Gestão do tempo e ensino efetivo**
- 39. Prática em foco
- 40. Quanto tempo temos disponível para ensinar e aprender?
- 42. Prática em foco
- 44. Ensino efetivo e ampliação do tempo de aprendizagem produtiva
- 47. Estratégias para usar o tempo de sala de aula de maneira eficiente
- 47. Prática em foco
- 49. Prática em foco
- 51. Retomando a pergunta inicial
- 51. Considerações finais
- 54. Referências
- 55. **Módulo 3 - Estratégias de participação e engajamento em sala de aula**
- 56. Apresentação
- 57. **Unidade 1 - A construção de ambientes de respeito, seguros e para a aprendizagem**
- 60. Normas e rotinas para evidenciar as expectativas de comportamentos
- 60. Prática em foco
- 64. Prática em foco
- 64. Retomando a pergunta inicial
- 66. **Unidade 2 - Estratégias para lidar com comportamentos desafiadores em salas de aula**
- 66. Comportamentos desafiadores, indisciplina e consequências
- 70. Prática em foco
- 70. O contexto dos comportamentos dos estudantes nas escolas brasileiras
- 72. Princípios para lidar com os comportamentos desafiadores dos estudantes
- 73. Prática em foco
- 74. Prática em foco
- 76. Retomando a pergunta inicial
- 77. Considerações finais
- 78. Referências



A yellow-tinted photograph of a school hallway. Several children are walking away from the camera down the corridor. The child in the foreground is wearing a backpack with a polka-dot pattern. The hallway has a tiled floor and a wall with a brick-like pattern on the left. The ceiling has exposed wooden beams and fluorescent lights.

Módulo 1
***Visão de gestão
e organização da
sala de aula***



Apresentação

A sala de aula é o principal espaço de atuação docente e caracteriza-se pela complexidade das interações, dos processos de aprendizagem e das dinâmicas que nela se estabelecem. É nesse espaço que diferentes histórias, experiências, identidades, expectativas e formas de aprender se encontram diariamente. Ao iniciar uma aula, o professor não encontra apenas estudantes esperando para aprender. Ele encontra um grupo de pessoas que possuem experiências de vida diferentes, que interagem entre si, que possuem conhecimentos prévios distintos, que vivenciam emoções variadas e que respondem de formas diferentes às situações propostas durante a aula.

Nesse contexto, organizar e gerir a sala de aula torna-se uma dimensão importante da prática pedagógica. Muitas vezes, quando se fala em gestão da sala de aula, pensa-se apenas em estratégias para manter a disciplina ou controlar comportamentos considerados inadequados. No entanto, a gestão da sala de aula envolve muito mais do que isso. Ela diz respeito à maneira como o professor organiza o ambiente de aprendizagem, estabelece relações com os estudantes, faz a gestão do tempo disponível para a aula, estrutura as atividades e cria condições para que todos possam participar do processo educativo.

A forma como o professor organiza sua sala de aula pode refletir sua visão sobre ensino, aprendizagem e sobre o papel da escola. Professores que se orientam por visões de ensino mais centradas na exposição e sistematização dos conteúdos tendem a organizar suas aulas de modo distinto daqueles que compreendem a aprendizagem como um processo ativo, participativo e socialmente construído. Nesse sentido, refletir sobre a gestão da sala de aula implica também examinar as visões dos docentes acerca de como se ensina e se aprende, uma vez que elas orientam, de maneira significativa, suas decisões pedagógicas.

Neste módulo, discutiremos diferentes dimensões da gestão da sala de aula no cotidiano da prática docente. Na **primeira unidade**, analisaremos como a identidade do professor, suas experiências como estudante e suas concepções de educação influenciam a maneira como ele organiza e conduz o ambiente de aprendizagem, com especial atenção à relação entre autoridade e liberdade no processo educativo. Na **segunda unidade**, aprofundaremos a discussão sobre as características que tornam a sala de aula um ambiente complexo e analisaremos princípios que podem orientar a construção de uma gestão pedagógica capaz de criar um ambiente respeitoso, organizado e favorável ao desenvolvimento acadêmico e social dos estudantes.



Unidade 1

A identidade do professor e a gestão da sala de aula

PARA REFLETIR

Professores também são gestores?

Quais são os aspectos que fazem parte da gestão das nossas salas de aula?



A gestão da sala de aula tem sido uma área da educação muito presente nas discussões pedagógicas para lidar com os desafios cotidianos da educação brasileira e global. Para Weinstein e Novodvorsky (2015), a gestão da sala de aula pode ser compreendida como um conjunto de ações intencionais do professor voltadas à organização do ambiente físico, ao estabelecimento de normas, à construção de rotinas e à promoção de interações produtivas entre os estudantes. Assim, práticas de gestão da sala de aula são mais do que as estratégias para a manutenção da disciplina ou o controle de comportamentos, são também a criação das condições para que a aprendizagem aconteça de forma significativa e equitativa. Isso envolve desde a disposição das carteiras e a organização do tempo até a concepção de comportamentos e a forma com que comunicamos expectativas, orientamos a participação e respondemos às necessidades dos alunos. Nessa mesma perspectiva, Libâneo (2015, p. 23) afirma que:

"[...] o objetivo das práticas de organização e gestão é o de prover as condições necessárias ao ótimo funcionamento da escola e do trabalho dos professores e alunos na sala de aula, de modo a favorecer a efetiva aprendizagem por todos."

Embora neste módulo nosso olhar se volte para a gestão da sala de aula, essa formulação do autor permite compreender que ela não se limita à ação individual do professor, mas se constitui como expressão concreta das orientações e das condições produzidas pela gestão escolar em sentido mais amplo.

Uma gestão da sala de aula bem estruturada contribui diretamente para o engajamento dos estudantes, a qualidade das interações e o aproveitamento do tempo pedagógico. Weinstein e Novodvorsky (2015) propõem que salas de aula eficazes são aquelas em que os estudantes sabem o que se espera deles, sentem-se seguros para participar e encontram oportunidades reais de aprender com o professor e com os colegas. Assim, a gestão da sala de aula não é um elemento acessório, mas parte constitutiva do trabalho docente, fundamental para promover um ambiente de aprendizagem organizado, acolhedor e intelectualmente desafiador. A sala de aula é considerada assim, de acordo com Jorge e Pereira (2025), um espaço de encontro orientado para a aprendizagem, no qual todos os envolvidos, individual ou coletivamente, se engajam de forma contínua no



aprimoramento e na ampliação de sua consciência e de suas capacidades, ou, nas palavras dos autores, é o espaço onde convivem “saberes teóricos e saberes humanos, a fim de gerar um aprendizado que promova não somente o desenvolvimento cognitivo, mas também o social e o humano (Jorge e Pereira, 2025, p. 3754).”

Partindo dessa conceituação, podemos nos perguntar: Professores também são gestores? Quais são os aspectos que fazem parte da gestão das nossas salas de aula?

Ao longo desta unidade, você será convidado a refletir sobre essas questões, analisando de que forma suas experiências como estudante, sua vivência como professor, suas referências pedagógicas e a maneira como você entende os processos de ensino e de aprendizagem influenciam suas decisões sobre a gestão da sala de aula.

Para começar, vamos refletir sobre as nossas experiências em salas de aula.

Pense em uma sala de aula que tenha sido marcante de forma positiva para você, seja como professor(a) ou como estudante.

Como era essa sala de aula?

O que o(a) professor(a) fazia durante as aulas?

O que os(as) estudantes faziam?

Como suas experiências enquanto estudante influenciam sua prática atual como professor(a)?

Ao refletir sobre essas perguntas, muitas pessoas se lembram de diferentes professores que marcaram sua trajetória escolar. Os professores que marcaram positivamente podem ter sido inspiradores por diferentes motivos: pela forma como explicavam os conteúdos, pela atenção dedicada aos estudantes ou pelo clima de respeito existente na sala de aula.

Essas lembranças nos ajudam a observar que a gestão da sala de aula não envolve apenas regras ou organização do espaço. Ela envolve a construção de um ambiente de aprendizagem, no qual os estudantes se sintam respeitados, motivados e desafiados a aprender.

É bastante comum que professores aprendam sobre gestão da sala de aula na prática, experimentando, testando, errando e ajustando, e também a partir de suas próprias experiências como estudantes. A maneira como um professor organiza sua sala de aula não se constrói apenas com base nos conhecimentos teóricos adquiridos na formação, mas é fortemente influenciada pelas vivências escolares, pela observação de como seus professores conduziam as aulas, exerciam sua autoridade e se relacionavam com os alunos. Esses elementos contribuem diretamente para a construção da **identidade docente**.



PRÁTICA EM FOCO

Leia o relato da professora Carla

"Ao entrar na sala de aula todos os dias, não deixo do lado de fora a menina que fui, sentada nessas mesmas carteiras. Minha forma de ser professora nasce das memórias das minhas próprias experiências como estudante, tanto as que me deram asas quanto as que me fizeram sentir invisível.

Lembro-me perfeitamente da professora Vitória de História do meu Ensino Médio. O que me encantava nela não era apenas o domínio dos dados históricos, mas o clima de respeito que ela sustentava sem precisar elevar a voz. Quando ela entrava na sala de aula, o silêncio não vinha pelo medo, mas pelo desejo de aprender com ela.

Hoje, tento replicar esse ambiente, quando percebo um aluno disperso, em vez de chamar seu nome e dar uma bronca, me aproximo e pergunto se ele está bem. Lembro de como era angustiante ser exposta na frente de todos quando minha cabeça estava longe por problemas em casa.

Quando penso em como desejo que minha sala seja, lembro também de como me sentia quando era estudante. Outro dia arrumei as mesas em semicírculo porque me recordei do tédio de olhar apenas para as nucas dos meus colegas durante meses. Quero que meus estudantes se vejam, se reconheçam e se sintam parte de uma comunidade."

PARA REFLETIR

Como era o seu professor ou professora favorito nos tempos de escola?

Ele(a) inspira você no seu dia a dia como docente?

Em que aspectos você se reconhece nele(a)?



Essas reflexões evidenciam que a gestão da sala de aula se constrói nas escolhas cotidianas do professor, nas relações que estabelece com os estudantes e nas marcas de sua própria trajetória como aprendiz. A gestão está profundamente articulada à identidade docente e as decisões tomadas, conscientes ou não, no cotidiano escolar. As experiências vividas, como no exemplo relatado, mostram que ensinar também envolve criar condições para que todos se sintam parte do processo de aprendizagem. Ao reconhecer a influência dessas vivências e compreender a importância de um ambiente organizado, acolhedor e intencionalmente planejado, ampliamos nosso entendimento sobre o que significa, de fato, fazer a gestão da sala de aula.



O que é fazer gestão da sala de aula?

Considere a situação a seguir:

Em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental, a professora Márcia, de Língua Portuguesa, inicia a aula com uma exposição para explicar um novo conteúdo de gramática. Alguns estudantes acompanham atentamente, enquanto outros conversam ou parecem distraídos. Um estudante levanta a mão para dizer que não entendeu a explicação da aula anterior. Outro começa a comentar com um colega que as atividades que a professora propõe são muito difíceis. Diante disso, a professora decide interromper a explicação e retomar alguns conceitos básicos trabalhados na aula anterior. No entanto, ela se pergunta se deveria insistir na mesma explicação, usar outra estratégia para explicar ou permitir que os estudantes discutam entre si antes de continuar.

Nesta situação, a professora pensou em três caminhos possíveis: insistir na explicação, propor outra explicação ou permitir que os estudantes discutam entre si antes de continuar. A partir desse caso, podemos fazer um exercício de interpretação sobre as formas como essa professora entende os processos de ensino e aprendizagem, e o reflexo desse entendimento na sua gestão de sala de aula, caso ela escolhesse cada um desses caminhos.

1 Insistir na explicação

No caso do primeiro caminho, se ela insistisse na explicação, da mesma maneira como já havia explicado antes de os estudantes manifestarem que não haviam entendido, isso poderia ser interpretado como um indício de uma abordagem de ensino mais centrada na exposição do conteúdo, uma vez que ela parece pressupor que a rerepresentação da explicação seja suficiente para promover a compreensão de seus estudantes. Então, ela retoma com paciência e explica, novamente, exatamente aquilo que já havia dito antes. Neste caso, a gestão desta sala de aula é, provavelmente, pautada por um tempo de fala da professora muito maior do que o tempo de fala dos estudantes, a professora valoriza o silêncio e se considera satisfeita quando termina uma aula na qual todos prestaram atenção.

Essa forma de agir pode revelar uma compreensão de ensino centrada na transmissão de conteúdos e de aprendizagem como recepção e reprodução do que foi explicado, atribuindo ao estudante um papel predominantemente passivo. Há pouca abertura para explorar diferentes estratégias, considerar os modos diversos de aprender ou mobilizar os estudantes como participantes ativos do processo, o que tende a limitar as oportunidades de construção mais significativa do conhecimento.

2 Propor outra explicação

No caso do segundo caminho, se a professora propusesse outra atividade ou outra forma de explicar, poderíamos pressupor que ela acredita que existem diferentes



formas de ensinar e aprender um conteúdo, ideia ou habilidade e que, se os estudantes não entenderam, cabe a ela apresentar uma nova explicação, mais acessível. Assim, ela solicita atenção, reformula sua explicação e, ao final, verifica se os estudantes compreenderam.



Duas alunas trabalhando juntas em uma tarefa na sala de aula.

Fonte: Drazen Zigic / Magnific

Nesse caso, a gestão da sala de aula valoriza a escuta e a checagem do entendimento, configurando uma comunicação mais dialógica. A professora reconhece a importância de diversificar suas estratégias e considera positivo quando os estudantes expressam suas dúvidas, entendendo isso como parte do processo de aprendizagem. Ainda assim, sua concepção permanece relativamente centrada em sua atuação, pois o foco

continua sendo encontrar a melhor forma de explicar. O papel do estudante, embora mais participativo do que no primeiro caso, ainda está majoritariamente vinculado à compreensão das explicações oferecidas.

3 Permitir que os estudantes discutam entre si antes de continuar

No caso do terceiro caminho, se a professora propusesse e permitisse que os estudantes discutissem entre si antes de continuar, se organizando em trios, por exemplo, isso nos daria indícios de que ela acredita que a aprendizagem se constrói na interação, quando os estudantes falam sobre o conteúdo com suas próprias palavras, confrontam ideias e elaboram explicações em diálogo com os colegas e com a própria professora. Assim, ao organizar a turma em trios para discutir o conceito, ela cria condições para que o pensamento circule, se refine e se amplie coletivamente. Ela se sente satisfeita ao ouvir explicações em construção, ainda que não totalmente precisas, e ao perceber o surgimento de perguntas variadas, muitas delas dirigidas entre os próprios estudantes. Nesse caso, a gestão da sala de aula é pautada pela interação e pela participação ativa, valorizando a fala como ferramenta de aprendizagem. Sua visão de ensino desloca o foco da explicação para a mediação, e a aprendizagem é entendida como um processo coletivo e progressivo. O estudante assume um papel central, como sujeito ativo que investiga, argumenta e constrói sentidos com os outros, enquanto a professora organiza situações, acompanha os processos e intervém de forma estratégica para qualificar as aprendizagens.



Situações como essas são comuns no cotidiano escolar. Elas revelam que ensinar não consiste apenas em planejar aulas e explicar conteúdos. Em muitos momentos da aula, é preciso tomar decisões rápidas sobre como organizar o desenvolvimento das atividades, como intervir durante as interações entre os estudantes e como conduzir os processos de ensino e de aprendizagem. Tal como afirma Perrenoud (2001), ensinar é agir na urgência e decidir na incerteza, evidenciando o caráter dinâmico e contextual da prática docente. Tomar essas decisões faz parte do trabalho da gestão da sala de aula e esse processo não é aleatório. A forma como um professor faz essa gestão está relacionada à forma como ele compreende seu papel e o papel dos estudantes no processo educativo e ao próprio sentido que ele atribui ao ensino e à aprendizagem.

O que esses exemplos demonstram é que a gestão do tempo de fala, do tipo de exercícios, da disposição das carteiras, das expectativas de comportamento e das normas na sala de aula, podem ser um reflexo importante da concepção que cada professor traz consigo sobre como deve ensinar e sobre como as pessoas aprendem.

O equilíbrio entre autoridade e liberdade

Outro aspecto central que precisa ser considerado quando o assunto é gestão da sala de aula é a autoridade do professor.

PARA REFLETIR

Qual a diferença entre autoridade e autoritarismo?

Qual a importância de ter autoridade em sala de aula?

O que dá autoridade ao professor?

Qual a relação entre autoridade e liberdade?



Muitas vezes a autoridade é confundida com autoritarismo, poder, violência e persuasão, quando, na verdade, a autoridade é um papel exercido dentro de uma estrutura hierárquica, onde há assimetria nas relações. No caso da sala de aula, a autoridade é necessária para que o professor seja capaz de cumprir o seu papel de educador. Em contraste com o modelo autoritário, a autoridade democrática é fundamentada nas competências pedagógicas e técnicas do professor. Nesse sentido, a legitimidade do professor não vem da imposição ou simplesmente das regras da instituição escolar, mas sim do seu domínio sobre os conteúdos e da sua capacidade estratégica de construir aprendizagens com estudantes, afinal, ensinar não é apenas transferir conhecimento. O simples, e ao mesmo tempo complexo, fato de assumir a responsabilidade de compartilhar saberes sistematizados e construir as situações que possibilitam o desenvolvimento dos estudantes confere ao profissional uma autoridade socialmente reconhecida (Freire, 1996).



Segundo Freire (1996), a prática educativa envolve uma tensão permanente entre autoridade e liberdade. Um ambiente acolhedor, respeitoso e favorável à aprendizagem não nasce da imposição autoritária de regras, nem da ausência de limites, mas sim da construção de relações baseadas no respeito mútuo. A autoridade docente e a liberdade dos estudantes precisam coexistir em equilíbrio, de modo que ambas se afirmem sem que uma anule a outra. Quando esse equilíbrio se rompe, surgem duas distorções igualmente problemáticas para um ambiente de aprendizagem: o autoritarismo ou a licenciosidade. O autoritarismo ocorre quando a autoridade se impõe de forma absoluta, restringindo a participação e a autonomia dos estudantes. Já a licenciosidade ocorre quando a liberdade é exercida sem limites, enfraquecendo a autoridade pedagógica do professor e comprometendo a própria aprendizagem dos estudantes.



Alunos ocupados trabalhando no trabalho de classe.

Fonte: Mídia Wavebreak / Magnific

O desafio do professor, como afirma Freire (1996), consiste justamente em construir práticas pedagógicas que preservem simultaneamente a liberdade dos estudantes e a autoridade do professor, criando práticas educativas em que os estudantes aprendam a exercer sua liberdade de forma responsável.

Ainda para Freire (1996), a autonomia não é algo dado, mas construída nas relações pedagógicas, por meio de práticas que valorizam o diálogo, a participação e o respeito aos saberes dos estudantes. Nesse processo, a identidade de professores e estudantes se constitui de forma relacional, já que ambos ensinam e aprendem mutuamente em um movimento contínuo de escuta, reflexão e ação. Essa construção exige o reconhecimento de que todos estamos em permanente formação, o que fundamenta uma parceria



pedagógica baseada no respeito, na curiosidade e no pensamento crítico. Assim, a autonomia se desenvolve quando o professor exerce uma autoridade democrática, sustentada pela competência, pela presença e pela generosidade, evitando tanto o autoritarismo, que sufoca a liberdade, quanto a omissão, que fragiliza o processo educativo. Nessa perspectiva ética, ensinar vai além da transmissão de conteúdos e é entendido como um ato formador que cria um ambiente de respeito, justiça e equidade. A construção de uma cultura de sala de aula que promove o trabalho colaborativo e valoriza as diferenças contribui para que os estudantes se posicionem, desenvolvam protagonismo e aprendam a agir com consciência e responsabilidade em um espaço verdadeiramente dialógico.

Nessa mesma direção, a proposta de gestão da sala de aula apresentada por Weinstein e Novodvorsky (2015) contribui para materializar essas ideias no cotidiano escolar. Ao compreender a gestão como um conjunto de ações intencionais que envolvem a organização do ambiente, o estabelecimento de normas e a promoção de interações produtivas, as autoras reforçam a ideia de que criar condições para a aprendizagem também implica construir um espaço baseado no respeito e na corresponsabilidade. Assim, normas e rotinas deixam de ser apenas instrumentos de controle e passam a orientar formas de convivência e participação que sustentam o envolvimento dos estudantes no processo educativo.



Alunos lendo juntos durante atividade em sala de aula.

Fonte: Midia Wavebreak / Magnific

No quadro a seguir, apresentamos, com finalidade ilustrativa, três possibilidades de organização da gestão da sala de aula associadas à licenciosidade, à autoridade democrática e ao autoritarismo. Trata-se de uma sistematização analítica que destaca traços característicos de cada perspectiva; na prática, porém, reconhecemos que a atuação docente é contextualizada e dinâmica, não se restringindo a uma única dessas configurações.



Elemento	Sem limites (licenciosidade)	Equilíbrio (autoridade democrática)	Excesso de limites (autoritarismo)
Organização	Desorganização das atividades	Organização intencional e flexível	Rigidez excessiva
Participação	Dispersa, sem foco	Ativa, orientada e significativa	Restrita ou passiva
Papel do estudante	Sem direcionamento claro	Protagonista com responsabilidade	Receptor
Papel do professor	Ausente ou pouco interventivo	Mediador e orientador	Centralizador
Disciplina	Falta de referência	Construída com base no respeito	Imposta pelo controle
Aprendizagem	Fragmentada	Construída coletivamente	Reprodutiva

Fonte: Criado pelos autores (2026).



PARA APROFUNDAR

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2018) explicita, ainda que de forma não nominal, uma concepção de equilíbrio entre autoridade e liberdade ao articular autonomia, responsabilidade e convivência democrática como fundamentos da formação integral. Essa perspectiva converge com o pensamento de Freire (1996), para quem a autonomia do educando não se constrói na ausência de autoridade, mas em uma relação pedagógica ética, dialógica e intencionalmente orientada, na qual o professor exerce uma autoridade não autoritária, comprometida com a emancipação. Weinstein e Novodvorsky (2015) têm esta mesma perspectiva sobre gestão da sala de aula e reforçam que ambientes de aprendizagem eficazes se estruturam a partir de expectativas claras, relações de respeito e corresponsabilidade, nos quais a autoridade docente organiza o espaço e as interações para possibilitar o engajamento ativo dos estudantes. Assim, tanto a BNCC (Brasil, 2018) quanto esses referenciais teóricos sustentam que a liberdade discente, entendida como protagonismo, expressão e participação, só se realiza plenamente em contextos pedagogicamente organizados, nos quais a autoridade se configura como mediação necessária para a construção de sujeitos autônomos e socialmente responsáveis.

**PRÁTICA EM FOCO****Interrupções constantes durante a explicação**

Durante a explicação de um conteúdo, um estudante interrompe repetidamente a fala do professor com comentários e perguntas sobre o tema, mas também sobre outras coisas fora do contexto. Os outros estudantes começam a rir, e a atenção da turma se dispersa.

Uma resposta autoritária seria repreender o estudante de forma rígida, exigindo silêncio e desconsiderando sua tentativa de participação. Embora isso possa interromper o comportamento, também pode inibir futuras contribuições. Por outro lado, uma postura licenciosa seria permitir que as interrupções continuem, comprometendo a organização da aula e o direito dos demais estudantes de acompanhar a explicação.

Uma possibilidade de resposta equilibrada seria reconhecer a importância da participação do estudante, mas estabelecer limites explícitos. O professor poderia dizer, por exemplo, que valoriza a participação, mas que naquele momento é importante concluir a explicação e que o estudante deveria anotar suas dúvidas e considerações, pois haverá um espaço específico para elas em seguida. Dessa forma, a autoridade se manifestaria na organização do tempo e das interações, enquanto a liberdade seria preservada ao garantir que o estudante tenha espaço para se expressar no momento adequado.



Professora afro-americana ajudando seus alunos em uma aula na escola primária.

Fonte: Drazen Zigic / Magnific

Retomando a pergunta inicial

No início desta unidade, convidamos você a refletir sobre as perguntas: **Professores também são gestores? Quais são os aspectos que fazem parte da gestão das nossas salas de aula?**

Com base nas reflexões realizadas nesta unidade e nas contribuições da literatura estudada, entendemos que as inúmeras decisões que os professores precisam tomar antes, durante e depois da aula compõem a sua forma de fazer a gestão da sala de aula. Saber o que espera da sua sala de aula e o que fazer para alcançá-la correspondem a uma boa gestão.

Ter esse discernimento passa pelo processo de entender que tipo de professor eu sou, qual a minha concepção de educação e o



que é importante para mim em uma sala de aula. Com esse entendimento, as estratégias de gestão de sala de aula podem ser grandes aliadas dos professores.

Ao refletirmos sobre aspectos da gestão da sala de aula, o equilíbrio entre autoridade e liberdade é elemento-chave. Ser autoridade é parte fundamental do papel do professor, o que não significa exercer o autoritarismo na sala de aula. Uma educação democrática é:

“resultado da harmonia ou do equilíbrio entre autoridade e liberdade, a disciplina implica necessariamente o respeito de uma pela outra, expresso na assunção que ambas fazem de limites que não podem ser transgredidos.” (Freire, 1996, p. 99)

Unidade 2

A gestão em salas de aula complexas

Nem sempre a aula acontece como nós imaginamos, não é mesmo? Entre o nosso planejamento e o que se desenrola na sala, surgem situações que exigem nossa atenção, escolhas e o replanejamento constante da ação pedagógica. Às vezes não é possível antecipar tudo o que acontecerá e, frequentemente, é no decorrer da aula que precisamos decidir como agir, o que priorizar e de que maneira lidar com a participação e o comportamento dos estudantes.

E entre o previsto e o vivido emergem algumas questões importantes sobre o que, de fato, está sob seu controle e quais são as possibilidades de ação e gestão em contextos reais de sala de aula.

PARA REFLETIR

- 1 Em uma sala com 30 ou mais estudantes, onde várias coisas acontecem ao mesmo tempo, o que realmente está sob seu controle?

O comportamento dos estudantes?

A atenção dos estudantes?

As condições que você cria para que a aprendizagem aconteça?

- 2 Relembre um momento recente em que sua aula não aconteceu como você havia planejado e reflita:

O que saiu diferente do esperado?

O que você precisou decidir naquele momento?

O que orientou sua decisão: conhecimento, experiência ou intenção pedagógica?





PARA REFLETIR

Para você, a sala de aula é um espaço de controle ou um espaço de negociação?

O que você prioriza em sua prática: ordem ou aprendizagem?

Em que momentos essas duas coisas entram em conflito?

Como você lida com essa tensão?



As situações que vivenciamos no cotidiano escolar, especialmente aquelas em que a aula não acontece como planejado, revelam que a gestão da sala de aula envolve muito mais do que manter a ordem ou garantir a execução de um planejamento. Elas colocam em evidência tensões permanentes entre controle e negociação, entre organização e participação, entre autoridade e liberdade. Nesse cenário, as decisões do professor revelam suas concepções de ensino, suas experiências e sua compreensão sobre o processo de aprendizagem e isso nos leva a uma questão central:

Como você pode tomar decisões pedagógicas em uma sala de aula complexa de modo a equilibrar organização, participação, autoridade, liberdade e aprendizagem?

Ao longo desta unidade, você será convidado a refletir sobre essa questão, analisando o que torna uma sala de aula um ambiente complexo e conhecendo os princípios orientadores da gestão da sala de aula.

Salas de aula são ambientes complexos

As salas de aula dos Ensinos Fundamental e Médio são descritas por Weinstein e Novodvorsky (2015) como um ambiente curioso e exigente que, apesar de sua familiaridade para nós professores, esconde uma complexidade profunda e inerente.

O cenário da sala de aula é marcado por múltiplas relações e constantes conflitos, pois exige que os diversos estudantes, na infância ou adolescência, interajam intensamente, de diversas formas e a todo tempo em um ambiente com alta densidade de pessoas, onde os estudantes precisam conciliar momentos individuais e coletivos e o professor precisa adequar o olhar individual e coletivo para os estudantes. Nesse contexto, Doyle (2006, apud Weinstein e Novodvorsky, 2015) identifica seis características que configuram a sala de aula como um ambiente intrinsecamente complexo:

- A **multidimensionalidade** da sala de aula, pois o professor precisa organizar desde as diferentes atividades acadêmicas e pedagógicas até a construção de amizades, a resolução de conflitos sociais e dilemas pessoais.
- A **simultaneidade** de situações e acontecimentos, de modo que a sala de aula exige que o professor lide com múltiplos acontecimentos pedagógicos e comportamentais ao mesmo tempo.



- O **imediatismo** dos acontecimentos em um ritmo acelerado, que torna impossível prever cada incidente, exigindo que o professor tome decisões rápidas diante dos comportamentos e acontecimentos do cotidiano da sala, e que, para isso mobilize seus diferentes conhecimentos docentes.
- A **imprevisibilidade**, que decorre do imediatismo, uma vez que incidentes não podem ser sempre previstos, mesmo com um cuidadoso planejamento por parte do professor.
- O **caráter público** do espaço da sala de aula desafia as relações, uma vez que o professor está sendo observado e ouvido a todo momento na interlocução com as turmas de dezenas de estudantes, que também estão sendo observadas e ouvidas pelo professor.
- A existência de uma **história conjunta**, que faz com que cada turma construa uma memória coletiva das interações vividas em sala de aula, de modo que as ações presentes passam a influenciar diretamente a dinâmica das atividades e das relações ao longo do tempo.

Portanto, a organização de sala de aula mais eficaz exige que o professor esteja ciente dessas características inerentemente complexas das salas de aula enquanto um sistema social para tomar, intencionalmente, suas decisões de gestão.

Princípios orientadores da gestão da sala de aula

Tendo em vista toda a complexidade da sala de aula, uma boa gestão implica na criação de ambiente que apoie o desenvolvimento global de seus estudantes. Isso reflete o compromisso da BNCC (Brasil, 2018) com a educação integral, que considera as dimensões cognitivas e afetivas, mas também considera as crianças e adolescentes como seres plurais. Nessa perspectiva, a BNCC explicita este compromisso ao afirmar que:

Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades (Brasil, 2018, p. 14).

Nesse sentido, Weinstein e Novodvorsky (2015) enfatizam que práticas de gestão da sala de aula podem contribuir para o desenvolvimento integral dos estudantes:

A gestão da sala de aula tem dois propósitos distintos: ela não apenas procura estabelecer e manter um ambiente ordenado e atencioso no qual os estudantes possam engajar-se em aprendizado significativo, mas também almeja estimular o crescimento emocional e social dos estudantes (Weinstein; Novodvorsky, 2015, p. 5).



Para isso, as autoras propõem cinco princípios orientadores da gestão de sala de aula, que buscam equilibrar a ordem com o desenvolvimento social e acadêmico:

- 1** O primeiro princípio estabelece que uma **gestão eficaz deve promover a autodisciplina e a responsabilidade pessoal**. O foco recai na formação de estudantes capazes de orientar suas próprias ações a partir da compreensão de suas obrigações e do impacto de seus comportamentos individuais no âmbito coletivo. Nessa perspectiva, busca-se reduzir a centralidade do controle externo, favorecendo a construção de autonomia, de modo que os estudantes ajam com base em critérios internos, o que contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico e da independência.
- 2** O segundo princípio defende que alguns dos problemas de indisciplina podem ser evitados por meio de **estratégias preventivas**. Isso ocorre quando o professor cultiva relações positivas e atenciosas com os estudantes, além de implementar aulas que sejam genuinamente instigadoras e interessantes. O domínio da sala de aula, portanto, é visto como a capacidade de criar um ambiente respeitoso que sustente o aprendizado antes mesmo que o mau comportamento surja.
- 3** O terceiro princípio afirma que a **necessidade de ordem não deve se sobrepor ao aprendizado significativo**. Embora um ambiente caótico impeça o ensino, um foco exagerado no silêncio absoluto e na uniformidade pode levar o professor a abandonar atividades engajadoras, como trabalhos em grupo, por medo de perder o controle. É fundamental não sacrificar a qualidade do currículo e o engajamento intelectual apenas para obter uma aula disciplinada.
- 4** O quarto princípio destaca a **importância da sensibilidade cultural na gestão da sala de aula diversa**. Os professores devem considerar que as expectativas de comportamento são influenciadas pela cultura e devem evitar a ideia de tratar os estudantes como se fossem todos iguais, ignorando suas origens. Compreender os contextos familiares e os estilos de comunicação de cada um ajuda a evitar conflitos desnecessários gerados por interpretações equivocadas de suas atitudes.
- 5** O quinto e último princípio define que uma **gestão eficiente é um ofício que exige reflexão, trabalho duro e tempo**. Por ser um ambiente complexo, imprevisível e multidimensional, a sala de aula não aceita receitas prontas ou soluções baseadas apenas na intuição. Tornar-se um bom gestor de sala de aula exige que o docente estude as bases de conhecimento da docência, antecipe problemas e esteja disposto a aprender continuamente com as decisões tomadas e com os próprios erros.

Retomando a pergunta inicial

No início desta unidade, convidamos você a refletir sobre a pergunta: **Como você pode tomar decisões pedagógicas em uma sala de aula complexa, de modo a equilibrar organização, participação, autoridade, liberdade e aprendizagem?**

É comum ver a gestão da sala de aula e o ato de ensinar como processos independentes, em que o controle do ambiente deve preceder o aprendizado. Nessa visão, a organização



de relações e relacionamentos seria apenas um preparativo para o ensino propriamente dito. Contudo, defendemos que essas práticas são inseparáveis e se alimentam mutuamente durante todo o processo educativo.

Ao longo desta unidade discutimos sobre as características que tornam a sala de aula um ambiente complexo e por que é importante ter isso em mente ao planejar as aulas. Apresentamos também cinco princípios da gestão da sala de aula, introduzindo as estratégias de gestão que serão aprofundadas nos próximos módulos.



Menina escrevendo em um caderno na sala de aula.

Fonte: Wavebreak Media / Magnific

Considerações finais

São muitos os desafios enfrentados pelos professores da educação básica. Planejar atividades que apoiam a aprendizagem de seus estudantes é apenas uma delas. Salas de aulas lotadas, estudantes cansados, desinteressados, com fome, com os ânimos à flor da pele, preconceitos, falta de respeito, violência, são apenas alguns exemplos do que é preciso lidar no dia a dia de uma escola. É impossível pensar em ferramentas de ensino sem transitar por todos esses desafios. A gestão do ensino e a da sala de aula estão intimamente entrelaçadas.

Quando falamos de gestão de sala de aula, estamos falando do conjunto de estratégias, habilidades e decisões que um professor utiliza para criar e manter um ambiente propício ao aprendizado. Trata-se de um processo que envolve a organização do espaço físico, o estabelecimento de rotinas explícitas, o gerenciamento do tempo e, sobretudo, a construção de relações interpessoais saudáveis, com o objetivo de que a sala de aula se constitua como um espaço seguro, produtivo e favorável à aprendizagem de todos os estudantes.

Iniciamos este primeiro módulo apresentando aspectos gerais e ressaltando como a identidade e a experiência do professor influenciam nas expectativas e na construção de salas de aula. Nesse contexto, propusemos uma reflexão guiada por algumas questões norteadoras, como: o que considero essencial em uma sala de aula? A ordem? O silêncio? A interação entre os estudantes? O bem-estar dos alunos? Refletir sobre essas perguntas constitui um ponto de partida significativo para compreender o próprio perfil docente e, a partir disso, embasar decisões mais intencionais na gestão da sala de aula.



Além de aspectos relacionados à identidade do professor, a literatura nos fortalece com saberes necessários à prática docente na construção de uma autoridade que apoia o desenvolvimento dos estudantes e de princípios para uma boa gestão da sala de aula.

No segundo módulo nos dedicaremos a estudar como o ambiente físico também pode ensinar os estudantes, desde que seja coerente com os objetivos pedagógicos. Também discutiremos sobre como fazer um bom uso do tempo escolar para ampliar as oportunidades de ensino efetivo.

A busca pela construção de salas de aulas equitativas passa também por reconhecer as necessidades de cada estudante para criar ambientes propícios à aprendizagem. Ambientes que oferecem segurança, respeito, pertencimento e possibilidades de interação são fundamentais para a aprendizagem de todos. As discussões desta segunda unidade nos apoiarão no aprofundamento dessas reflexões.

PARA REFLETIR

Para finalizar este módulo, precisamos retornar a um ponto central: a busca por uma educação de excelência, democrática e equitativa. Após essa introdução sobre a gestão da sala de aula, pense um pouco:

Como minha organização da sala de aula pode ajudar na busca por equidade?



Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_ver-saofinal_site.pdf. Acesso em: 29 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JORGE, M. V.; PEREIRA, H. M. C. (2025). Gestão da sala de aula, um desafio no processo de ensino aprendizagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, 11(5), 3752–3760. Disponível em: <https://doi.org/10.51891/rease.v11i5.18847>. Acesso em: 28 abr. 2026.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 6. ed. São Paulo: Heccus Editora, 2015.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar**: agir na urgência, decidir na incerteza: saberes e competências em uma profissão complexa. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

WEINSTEIN, Carol Simon; NOVODVORSKY, Ingrid. **Gestão da sala de aula**: lições da pesquisa e da prática. Porto Alegre: Grupo A, 2015.

Módulo 2
***Organização do espaço físico e
gestão do tempo***



Apresentação

PARA REFLETIR

O que é uma boa gestão do espaço físico da sala de aula?

E uma boa gestão do tempo?

Por que é importante pensar nessas coisas?



Neste módulo, serão abordados dois aspectos centrais da gestão da sala de aula. O primeiro diz respeito à preparação e à manutenção de um ambiente que favoreça a aprendizagem dos estudantes. O segundo está relacionado a escolhas intencionais que possibilitem aproveitar de forma mais eficaz o tempo que o professor tem com sua turma, potencializando as oportunidades de aprendizagem.

É comum que a atenção à gestão do ambiente da sala de aula surja apenas diante de problemas, como excesso de ruído, iluminação inadequada, reflexos no quadro, temperatura desconfortável ou até goteiras em dias de chuva. De fato, essas condições interferem na condução da aula, geram desconforto e demandam soluções. No entanto, mesmo na ausência desses obstáculos, há diversos aspectos a serem considerados na organização do ambiente. Por isso, a **primeira unidade** deste módulo, propõe-se discutir como planejar esse espaço de modo a contribuir efetivamente para os objetivos pedagógicos.

Na **segunda unidade**, a discussão amplia o olhar para além da ideia de “ter mais tempo de aula” ou “cumprir o cronograma escolar”. A proposta é refletir sobre o uso qualificado do tempo em função da aprendizagem, apresentando estratégias que contribuam para potencializar os momentos de aprendizagem dos estudantes.



Unidade 1

Organização do espaço físico da sala de aula: uma escolha pedagógica

Antes de iniciar a leitura dos tópicos que compõem esta unidade, vamos refletir sobre a nossa sala de aula.

PARA REFLETIR

Pense por um momento:

Como as cadeiras e carteiras estão organizadas em sua sala de aula atualmente?

Essa organização favorece mais a escuta ou a interação?

Ela facilita ou dificulta a participação e o envolvimento dos estudantes na aula?



Responder a essas perguntas é um primeiro passo para compreender como a organização do espaço físico da sala de aula pode apoiar a aprendizagem.

Para refletir ainda mais profundamente sobre isso, considere duas situações:



Imagem gerada pelo Gemini

1ª Situação

Em uma sala de aula, as carteiras estão organizadas em fileiras de frente para o quadro. Os estudantes permanecem em silêncio, aguardando o início da explicação da professora.

2ª Situação

Em outra sala, as mesas estão dispostas em pequenos grupos. Os estudantes conversam entre si enquanto discutem estratégias para resolver um problema. A professora circula pela sala, acompanha as interações e intervém quando necessário.



Imagem gerada pelo Gemini



À primeira vista, a diferença entre essas duas situações parece estar apenas na disposição das mesas e cadeiras. No entanto, uma reflexão mais cuidadosa revela que esses arranjos espaciais também comunicam diferentes expectativas sobre como os estudantes podem participar e interagir nas aulas.

Na primeira situação, o ambiente favorece a escuta e a atenção à explicação da professora. Na segunda, o espaço cria condições para a interação, a discussão e a construção coletiva do conhecimento. Essa comparação nos conduz à questão central desta unidade:

De que maneira a organização do espaço físico da sala de aula influencia as oportunidades de aprendizagem dos estudantes?

Ao longo desta unidade, exploraremos essa pergunta, analisando como o ambiente físico pode apoiar ou limitar a forma como os estudantes interagem, participam e se engajam nas experiências vivenciadas em sala de aula.



PRÁTICA EM FOCO

Considere uma situação em que o professor planejou um momento de debate coletivo sobre um tema discutido na aula. Entretanto, as carteiras estavam organizadas em fileiras voltadas para o quadro. Durante a atividade, os estudantes tinham dificuldade para se ver e acompanhar as falas dos colegas, o que tornava a participação mais restrita e dificultava o diálogo entre os participantes.

Em uma outra situação, o professor planejou uma atividade que demandava interação entre pequenos grupos e organizou a sala de aula em grupos de quatro carteiras, uma ao lado da outra, viradas para frente na sala. O professor percebeu que os estudantes que estavam sentados nas carteiras da ponta dos grupos participavam menos do que os que estavam nas carteiras do centro do grupo, pois não conseguiam ouvir e serem ouvidos pelos seus pares. Esses dois exemplos retratam situações em que o arranjo da sala de aula atrapalhou as intenções do professor.

Diante dessas situações, propomos as seguintes questões para reflexão:

- De que maneira a organização física da sala, nas duas situações, se mostrou desalinhada com os objetivos pedagógicos propostos pelo professor, e quais impactos isso teve na participação e interação dos estudantes?
- Que mudanças na disposição das carteiras poderiam ser realizadas, em ambos os casos, para garantir maior equidade na participação e favorecer interações mais efetivas entre os estudantes?



O planejamento do ambiente físico como parte da gestão da sala de aula

Nas discussões atuais sobre gestão da sala de aula, o ambiente físico não é compreendido apenas como o local onde o ensino acontece. Ele é considerado um elemento que pode influenciar diretamente nas aprendizagens. Segundo Weinstein e Novodvorsky (2015), o planejamento deste ambiente físico constitui uma dimensão importante da gestão da sala de aula, pois está relacionado aos objetivos de aprendizagem e às estratégias de ensino adotadas.

As diferentes formas de organizar a participação dos estudantes em sala de aula apoiam o desenvolvimento das competências gerais previstas na [BNCC](#) (Brasil, 2018) ao possibilitar a utilização de práticas pedagógicas que favorecem o protagonismo estudantil, a construção ativa do conhecimento e a interação entre pares. Quando o professor cria condições para que os estudantes expliquem, argumentem, escutem, formulem perguntas e construam sentidos coletivamente, também contribui para o desenvolvimento de competências relacionadas ao pensamento crítico, à comunicação, à argumentação, à cooperação e à responsabilidade no processo de aprendizagem.

Isso significa que a organização da sala de aula não deve ser resultado apenas de convenções ou hábitos. Ela envolve decisões pedagógicas intencionais que consideram, entre outros aspectos, as possibilidades de interação entre estudantes, as formas de comunicação e o contato visual entre professores e estudantes, o acesso a materiais e recursos didáticos e a circulação das pessoas no ambiente. Para Weinstein e Novodvorsky (2015), esses elementos influenciam o engajamento físico, emocional e intelectual dos estudantes, aspecto frequentemente destacado nas propostas de gestão da sala de aula voltadas para a participação ativa dos estudantes.

Nesse sentido, organizar o espaço da sala de aula envolve refletir sobre algumas questões, por exemplo:

- Os estudantes precisarão conversar entre si?
- Eles precisarão observar o trabalho de outros colegas?
- Eles têm acesso a todo o material de que precisam para participar das atividades?
- Será importante que eu ou eles circulem pela sala durante a atividade?

Responder a essas perguntas pode ajudar a definir qual arranjo espacial favorece melhor o alcance dos objetivos de aprendizagem propostos para a aula.



Alunos aprendendo na escola em sua sala de aula

Fonte: freepik/ Magnific

**IMPORTANTE**

O planejamento do ambiente físico é parte fundamental do planejamento do ensino e da aprendizagem. A disposição das carteiras e recursos pode contribuir ou atrapalhar o desenvolvimento de uma aula. Portanto, a organização física do ambiente deve servir aos objetivos pedagógicos da aula.

Nessa perspectiva, o planejamento do ambiente favorece o desenvolvimento de competências ligadas a utilizar diferentes linguagens para se expressar e partilhar informações e a exercitar a curiosidade intelectual, ampliando as possibilidades de participação e construção do conhecimento (Brasil, 2018).

Será que existe um arranjo ideal?

A BNCC (Brasil, 2018) estabelece o princípio da equidade ao reconhecer que os estudantes possuem diferentes necessidades de aprendizagem, o que implica a adoção de estratégias pedagógicas diversificadas e a consideração de distintos ritmos de aprendizagem, de modo a assegurar condições para que todos aprendam. Nessa direção, a organização do espaço da sala de aula constitui uma dimensão concreta por meio da qual esses princípios podem se materializar na prática pedagógica.

De acordo com Weinstein e Novodvorsky (2015), a organização do espaço da sala de aula deve ser flexível, pois não há um único arranjo capaz de atender a todos os propósitos educacionais, objetivos de aprendizagem da aula e interações que se deseja promover.

Por exemplo:



Aulas expositivas podem funcionar melhor com carteiras organizadas em fileiras;



Atividades colaborativas funcionam melhor com mesas organizadas em grupos;



Discussões coletivas podem se beneficiar de arranjos em círculo ou semicírculo.

Imagens geradas pelo Gemini



Tendo em mente que a organização da sala de aula precisa estar a serviço dos objetivos de aprendizagem propostos para a aula, nós podemos pensar esse espaço como um ambiente flexível, capaz de assumir diferentes configurações de acordo com as atividades que serão desenvolvidas.



PRÁTICA EM FOCO

Planejando salas de aula flexíveis

Uma sala de aula pode ser organizada de formas diferentes, dependendo da atividade. Para definir como você poderá organizar sua sala de aula, leia as situações a seguir e reflita sobre as questões sugeridas:



SITUAÇÃO 1

Você planejou uma aula na qual os estudantes precisarão realizar a leitura do texto do livro didático e realizar as atividades relacionadas.

Perguntas para refletir:

- Quanta interação entre estudantes é desejada?
- O professor precisa circular pela sala?
- Como será o acesso aos materiais?

Devolutiva: Possível arranjo do espaço: Fileiras ou duplas podem favorecer a concentração na leitura e nas orientações da professora. Caso seja necessário apoiar estudantes individualmente, é importante manter corredores livres para circulação.



SITUAÇÃO 2

Você pediu aos estudantes que lessem uma notícia que foi publicada e agora deseja que eles discutam sobre os diferentes pontos de vista, ouvindo atentamente uns aos outros.

Perguntas para refletir:

- Todos precisam se ver?
- Como garantir a participação da turma?

Devolutiva: Possível arranjo do espaço: Um círculo ou semicírculo pode favorecer o contato visual entre os participantes e fomentar a participação. Esse tipo de organização facilita que os estudantes se escutem e que a professora acompanhe as interações.



SITUAÇÃO 3

Você propôs que os estudantes resolvessem, em pequenos grupos, um problema matemático. Ao final da atividade, pediu que um representante de cada grupo apresentasse, para a sala toda, a forma como o grupo pensou para chegar à resposta.

Perguntas para refletir:

- Como organizar a sala para que os estudantes possam trocar ideias?
- Como organizar a sala para que todos consigam acompanhar as apresentações?

Devolutiva: Possível arranjo do espaço: Carteiras e cadeiras organizadas em pequenos grupos podem favorecer a discussão inicial das estratégias. Para o momento das apresentações, os grupos podem se voltar para o quadro ou para o estudante que está apresentando, mantendo a atenção coletiva.



SITUAÇÃO 4

Você pediu aos estudantes que pesquisassem, usando os tablets da escola, os efeitos do desmatamento no ciclo da água. Para isso indicou os sites onde deveriam realizar as pesquisas e pediu que registrassem ao menos três descobertas importantes e uma dúvida do grupo.

Perguntas para refletir:

- Como garantir acesso à tomada e internet?
- Como organizar os estudantes para colaborarem uns com os outros?

Devolutiva: Possível arranjo do espaço: Mesas organizadas em grupos ou ilhas de trabalho podem facilitar o compartilhamento de dispositivos e a colaboração entre estudantes. É importante prever o acesso a tomadas e circulação do professor para acompanhar o trabalho.



SITUAÇÃO 5

Você planejou uma atividade em que os estudantes, organizados em grupos, irão observar amostras de folhas em microscópios e registrar suas observações. Cada grupo deverá manipular o microscópio, discutir o que observa e preencher uma ficha com desenhos e descrições. Como há menos microscópios do que estudantes, alguns grupos precisarão compartilhar os equipamentos e circular entre as bancadas.



Perguntas para refletir:

- Como garantir que todos consigam manipular os materiais e observar o experimento?
- Como organizar os estudantes para colaborar e seguir os procedimentos com segurança?

Devolutiva: Possível arranjo do espaço: Bancadas ou mesas organizadas em grupos de trabalho podem favorecer a realização dos experimentos. Cada grupo precisa ter acesso aos materiais necessários, enquanto a professora circula entre as bancadas para orientar e acompanhar o processo.



SITUAÇÃO 6

Você propôs um júri simulado para discutir se a construção de uma hidrelétrica em determinada região deveria ou não ter sido realizada. Parte da turma representará grupos favoráveis ao projeto (governo e empresas), enquanto outra parte representará grupos contrários (comunidades locais e ambientalistas). Haverá ainda estudantes responsáveis por atuar como jurados e outros como mediadores do debate.

Perguntas para refletir:

- Como organizar os estudantes para representar diferentes posições no debate?
- Como garantir que todos consigam acompanhar os argumentos apresentados?

Devolutiva: Possível arranjo do espaço: A sala pode ser organizada com dois grupos posicionados frente a frente, representando posições diferentes, enquanto os demais estudantes observam ou atuam como jurados. Outra possibilidade é organizar um semicírculo voltado para os debatedores, favorecendo a escuta e a participação.

PARA FINALIZAR A ATIVIDADE

Além de encontrar arranjos diferentes, é importante lembrar que os estudantes precisam de múltiplas oportunidades para aprender. O cenário atual de pesquisas em educação tem reforçado que a elaboração e entendimento de conceitos e resoluções de problemas complexos se dá por meio das interações com os outros e com as chances que os estudantes têm de falar sobre os entendimentos deles ao longo do processo, ou seja, tendo a oportunidade de conversar com os outros, explicar com suas palavras, elaborar perguntas.

**PARA REFLETIR**

Pense em uma aula recente que você ministrou.

Qual era o objetivo de aprendizagem principal da aula?

De que maneira o arranjo da sala apoiou ou dificultou o alcance desse objetivo?

Se você fosse ministrar uma nova aula, com o mesmo objetivo de aprendizagem, qual ajuste no espaço poderia contribuir para o alcance do seu objetivo?



Muitas vezes, pequenos ajustes na organização do espaço podem ampliar significativamente as oportunidades de aprendizagem e as possibilidades de interação.

Como destacam Teixeira e Reis (2012), a forma como o espaço da sala é organizado pode favorecer ou limitar práticas de aprendizagem cooperativa, influenciando as interações entre os estudantes e as oportunidades de participação nas atividades.

Quando as carteiras estão organizadas em duplas voltadas para o quadro, a interação tende a ocorrer predominantemente entre pares. Por outro lado, quando as mesas são organizadas em círculo ou em "U", ampliam-se as oportunidades de discussões entre toda a turma. Organizar a turma em pequenos grupos potencializa a qualidade das interações, como demonstram as pesquisas de Cohen e Lotan (2017), pois amplia as oportunidades de participação, permitindo que todos os estudantes se expressem e sejam ouvidos. Nessa perspectiva, grupos compostos por quatro ou cinco integrantes tendem a favorecer uma colaboração mais efetiva, já que possibilitam maior proximidade entre os membros, facilitando a escuta e o contato visual. Em contrapartida, grupos maiores podem dificultar o envolvimento de todos, aumentando a probabilidade de que alguns participantes fiquem à margem das discussões.

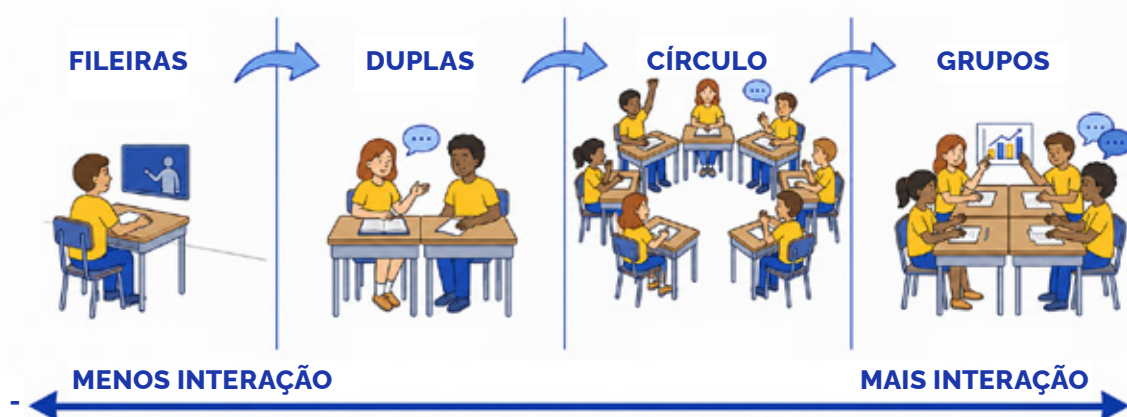
Interação organização do espaço

Imagem gerada pelo Gemini

Quanto mais os estudantes conseguem se ver, interagir e compartilhar ideias, maiores tendem a ser as oportunidades de interação e consequentemente a aprendizagem.

**IMPORTANTE**

Não há um arranjo de sala de aula que sirva a todos os propósitos educacionais, pois os arranjos estão a serviço do objetivo pedagógico e devem adaptar os modelos e métodos de ensino escolhidos. É possível vislumbrar uma sala de aula flexível, com capacidade de configurar diversos arranjos em um mesmo espaço ou até buscando outros espaços na escola.

As funções do ambiente da sala de aula

Segundo Weinstein e Novodvorsky (2015), ao planejar o ambiente físico da sala de aula, é importante compreender que esse espaço cumpre diferentes funções pedagógicas e sociais. E que os professores precisam tentar construir um ambiente de sala de aula que atenda a cinco funções básicas:

- 1** Segurança e abrigo, que se referem às condições físicas e emocionais que promovem conforto e proteção aos estudantes, como boa circulação, iluminação adequada e organização do mobiliário.
- 2** Contato social, que se relaciona às oportunidades de interação entre estudantes e professores. A disposição das carteiras pode facilitar ou limitar o diálogo e a colaboração.
- 3** Identificação simbólica, que diz respeito às mensagens que o ambiente comunica sobre quem pertence àquele espaço. Trabalhos expostos e registros de aprendizagem ajudam a fortalecer o sentimento de pertencimento dos estudantes.
- 4** Instrumentalidade de tarefas, que se refere à organização do espaço de modo a facilitar a realização das atividades, garantindo acesso adequado a materiais e recursos didáticos.
- 5** Prazer, que se relaciona à criação de um ambiente agradável e acolhedor. Uma sala confortável e bem organizada pode contribuir para um clima positivo de aprendizagem. Ambientes que favorecem interação e cooperação tendem a promover maior engajamento dos estudantes nas atividades.

Em síntese, compreender as múltiplas funções do ambiente da sala de aula permite ao professor ultrapassar uma visão meramente organizacional do espaço e reconhecê-lo como um elemento ativo no processo educativo. Ao considerar dimensões como segurança, interação, pertencimento, funcionalidade e bem-estar, o planejamento do ambiente físico passa a ser intencionalmente articulado aos objetivos pedagógicos e às formas de participação dos estudantes. Essa perspectiva dialoga diretamente com a BNCC (Brasil, 2018), especialmente com o princípio da equidade ao reconhecer a necessidade de atender



às diferentes necessidades dos estudantes, e com as competências gerais, como a de argumentação, comunicação e empatia e cooperação, que pressupõem contextos que favoreçam a interação, o diálogo e a participação ativa. Desse modo, o espaço passa a atuar como um recurso que favorece a aprendizagem, a convivência e o engajamento dos estudantes.



Professora em sala de aula.

Fonte: Magnific

Retomando a pergunta inicial

No início desta unidade, convidamos você a refletir sobre a pergunta: **De que maneira a organização do espaço físico da sala de aula influencia as oportunidades de aprendizagem dos estudantes?**

Com base nas reflexões realizadas nesta unidade e nas contribuições da literatura estudada, entendemos que a organização do espaço físico influencia as oportunidades de aprendizagem na medida em que cria condições para diferentes formas de interação, participação e engajamento dos estudantes nas atividades propostas. Assim, a disposição das mesas, cadeiras e materiais não é apenas uma questão logística, ela constitui um elemento importante da gestão da sala de aula e pode contribuir para criar condições mais favoráveis à aprendizagem.

Podemos afirmar, portanto, que o espaço da sala de aula também participa do processo de ensino e aprendizagem. Quando planejado de forma intencional, ele deixa de ser apenas um cenário e passa a atuar como um recurso pedagógico que amplia as possibilidades de interação, participação e construção do conhecimento.

Ao refletirmos sobre o espaço da sala de aula, percebemos também que essa dimensão da gestão pedagógica se articula com outro aspecto igualmente importante: a organização do tempo efetivo de aula. Afinal, a forma como o ambiente é estruturado pode facilitar ou dificultar a realização das atividades planejadas e o aproveitamento do tempo destinado à aprendizagem. Na próxima unidade, aprofundaremos essa discussão ao analisar como a gestão do tempo pode contribuir para tornar o ensino mais efetivo e favorecer o engajamento dos estudantes nas atividades propostas.



Unidade 2

Gestão do tempo e ensino efetivo

Vamos iniciar esta unidade com uma reflexão sobre sua sala de aula.

PARA REFLETIR

Pense por um momento:

Como o tempo é utilizado em sua sala de aula?

Por quanto tempo, de fato, seus estudantes estão envolvidos em atividades para aprender (por exemplo, trabalhando em uma atividade, ouvindo uma explicação, lendo, em discussão produtiva com seus pares)?

Por quanto tempo você e seus estudantes estão envolvidos em outros tipos de atividades (por exemplo, realizando a chamada, verificando a realização de tarefas, organizando a sala de aula, chamando a atenção dos estudantes)?



A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394/96) estabelece que a carga horária mínima anual deve ser 800 horas para o Ensino Fundamental e de 1.000 horas para o Ensino Médio, distribuídas por, no mínimo, 200 dias letivos. No entanto, um grande desafio enfrentado pelos professores é fazer um bom uso desse tempo durante suas aulas. Ao passar dos dias, professores vão percebendo que há muito a aprender e pouco tempo efetivo para aprendizagem. Fazer uma boa gestão da sala de aula também significa fazer uma boa gestão do tempo de ensino, ou seja, ser capaz de otimizar o tempo de aprendizado produtivo e minimizar o tempo de transição entre as tarefas, de chamar a atenção dos estudantes ou de estabelecer as rotinas.



Professor ajudando a garota na lição de casa.

Fonte: gpointstudio / Magnific

Sabendo que esse é um grande desafio da docência, você pode estar se perguntando: De que maneira podemos ampliar o tempo de ensino efetivo em nossas salas de aula?

Ao longo desta unidade, exploraremos essa pergunta, discutindo sobre quanto tempo se tem para aprender, o que é ensino efetivo, e conhecendo estratégias para usar o tempo de sala de aula de maneira eficiente.



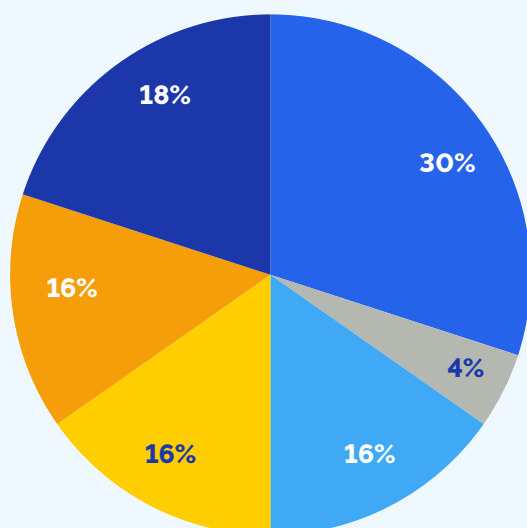
PRÁTICA EM FOCO

Ao refletir sobre a organização do tempo em suas aulas, a professora Beatriz decidiu observar com mais atenção como os minutos de uma aula estavam sendo utilizados. Durante algumas semanas, ela registrou as principais atividades realizadas em uma aula de 50 minutos.

Ao final desse período, organizou as informações e percebeu que parte do tempo era dedicada diretamente às atividades de aprendizagem, enquanto outra parte era utilizada para tarefas de organização da rotina da sala.

Com base nesses registros, a professora construiu um **gráfico de setores** para representar a distribuição do tempo em uma aula típica:

**Distribuição do tempo da aula
(50 minutos)**



- 9 minutos**
Organização da turma, chamada e verificação de tarefas;
- 8 minutos**
Intervenções relacionadas à disciplina;
- 15 minutos**
Realização de atividades e exercícios pelos estudantes;
- 2 minutos**
Transição entre atividades;
- 8 minutos**
Correção coletiva e discussão das respostas;
- 8 minutos**
Explicação de conteúdos pela professora.

Ao visualizar o gráfico, a professora conseguiu perceber com mais clareza **quanto do tempo da aula estava sendo dedicado diretamente à aprendizagem** e quanto estava sendo consumido por outras demandas da rotina escolar.

Esse exercício ajudou a professora a refletir sobre possíveis ajustes na organização da aula para ampliar o **tempo efetivo de aprendizagem dos estudantes**.

A exemplo da professora Beatriz, faça você uma estimativa dos tempos utilizados na sua sala de aula e reflita:

- Você está satisfeito com o uso que você faz do tempo?
- O que está ocupando mais tempo em sua aula?
- O que poderia ser diferente?

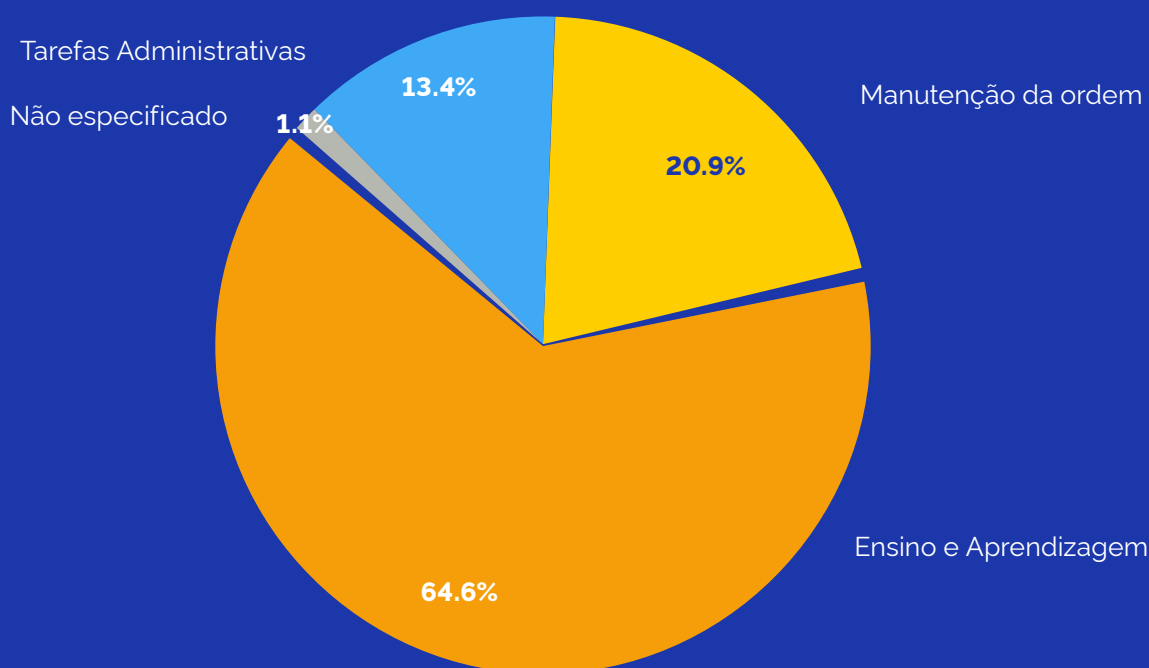


Quanto tempo temos disponível para ensinar e aprender?

Nesta seção nos apoiaremos nos cinco tipos de tempo de sala de aula definidos por Weinstein e Novodvorsky (2015) para discutir sobre quanto tempo realmente temos para ensinar e aprender: tempo determinado, tempo disponível, tempo de ensino, tempo de envolvimento dos estudantes e tempo de aprendizagem produtiva.

Ao planejar uma aula, professores costumam partir do **tempo determinado** para cada aula, por exemplo, os 45 minutos definidos pela escola. No entanto, para fazer uma boa gestão do tempo de ensino, é preciso lembrar que o tempo determinado para a aula não corresponde ao tempo de aprendizado efetivo dos estudantes em sala de aula. Vamos olhar para os dados da TALIS de 2024 para conhecer o que professores do Brasil revelam sobre a organização do tempo em suas salas de aula:

**Distribuição do Tempo dos Professores
(Brasil, 2024)**



Dados da Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (TALIS) de 2024, revelam que os professores dos anos finais do Ensino Fundamental gastam em média:

- 13,4% do tempo de aula em tarefas administrativas (como por exemplo registros de frequência ou distribuição de informativos da escola);
- 20,9% do tempo lidando com questões relativas à manutenção da ordem na sala de aula;
- 64,6% do tempo com o ensino e a aprendizagem;
- 1,1% não especificado pela pesquisa.

Fonte: Adaptado de Brasil (2024)

https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pesquisa_talis/questionarios/2024/questionario_do_professor_anos_finais_formulario_c_frequencia_de_respostas_talis_2024.pdf



Sabemos que dentro de uma mesma escola pode haver variações no uso do tempo. Há professores que relatam que gastam boa parte do tempo de aula resolvendo questões tecnológicas como ligar o projetor, verificando quem fez as tarefas de casa, conferindo as autorizações dos pais para os filhos participarem de uma visita educativa programada pela escola ou ensaiando para festa junina. São atividades que fazem parte da vida escolar e, portanto, precisam ser pensadas dentro do planejamento e minimizadas para que o tempo de aprendizado seja maximizado.



Estudante pintando juntos.

Fonte: freepik / Magnific

Há ainda outro desafio quando pensamos no uso do tempo em sala de aula. Mesmo nos momentos em que o professor está ensinando ou propondo uma atividade de aprendizagem, não necessariamente os estudantes estão envolvidos na atividade. Neste caso, o tempo de ensino é maior que o tempo de aprendizagem.



PARA APROFUNDAR

Acesse [este link](#) para saber mais sobre o uso do tempo de aula pelos professores e o desempenho acadêmico dos estudantes, a partir de uma pesquisa realizada para a Universidade de Harvard.

De acordo com Rogers (2008), o envolvimento dos estudantes em uma aula é potencializado quando as atividades são percebidas como relevantes e desafiadoras para eles. Weinstein e Novodvorsky (2015) ressaltam, no entanto, que há diferenças entre **o tempo de envolvimento dos estudantes e o tempo de aprendizado produtivo**. O tempo de envolvimento é aquele em que o estudante está envolvido na atividade, aprendendo ou não. Já o tempo de aprendizado produtivo é o período dedicado às atividades significativas e apropriadas para a aprendizagem. Veja o exemplo a seguir:



PRÁTICA EM FOCO

Considere um professor dos Anos Finais do Ensino Fundamental que, preocupado em aumentar o tempo de envolvimento de seus estudantes durante a aula, preparou uma atividade altamente engajadora. Com o objetivo de que seus estudantes aprendessem sobre a formação de vulcões, o professor propõe uma atividade em que, organizados em grupos, os estudantes precisam construir um modelo de vulcão que simula sua erupção utilizando uma mistura de vinagre, bicarbonato de sódio e corante.

Neste [link](#) é possível ver um exemplo desse tipo de vulcão.

Ao passar pela sala de aula era possível perceber como os estudantes estavam envolvidos na atividade. Passaram 30 minutos focados em modelar e pintar o vulcão, impressionados com o que acontecia ao misturar o vinagre com o bicarbonato de sódio. No entanto, é importante refletir sobre o que eles realmente estavam aprendendo sobre a formação de um vulcão com essa atividade.

Isso não significa que a proposta não tenha valor, ao contrário, ela cria condições importantes para o interesse, a curiosidade e a participação dos estudantes. No entanto, como discutem Weinstein e Novodvorsky (2015) o engajamento dos estudantes precisa estar alinhado a objetivos acadêmicos explícitos para que se configure como aprendizagem. Nesse sentido, é necessário reconhecer que **envolvimento não garante, por si só, aprendizagem conceitual**. Se não houver momentos intencionalmente planejados para que os estudantes possam interagir e explicitar relações, levantar hipóteses, comparar o experimento com o fenômeno real e sistematizar conhecimentos, eles podem permanecer no nível da experiência sensorial e do encantamento com a reação química, sem necessariamente compreenderem os processos geológicos que explicam a formação e a erupção dos vulcões.

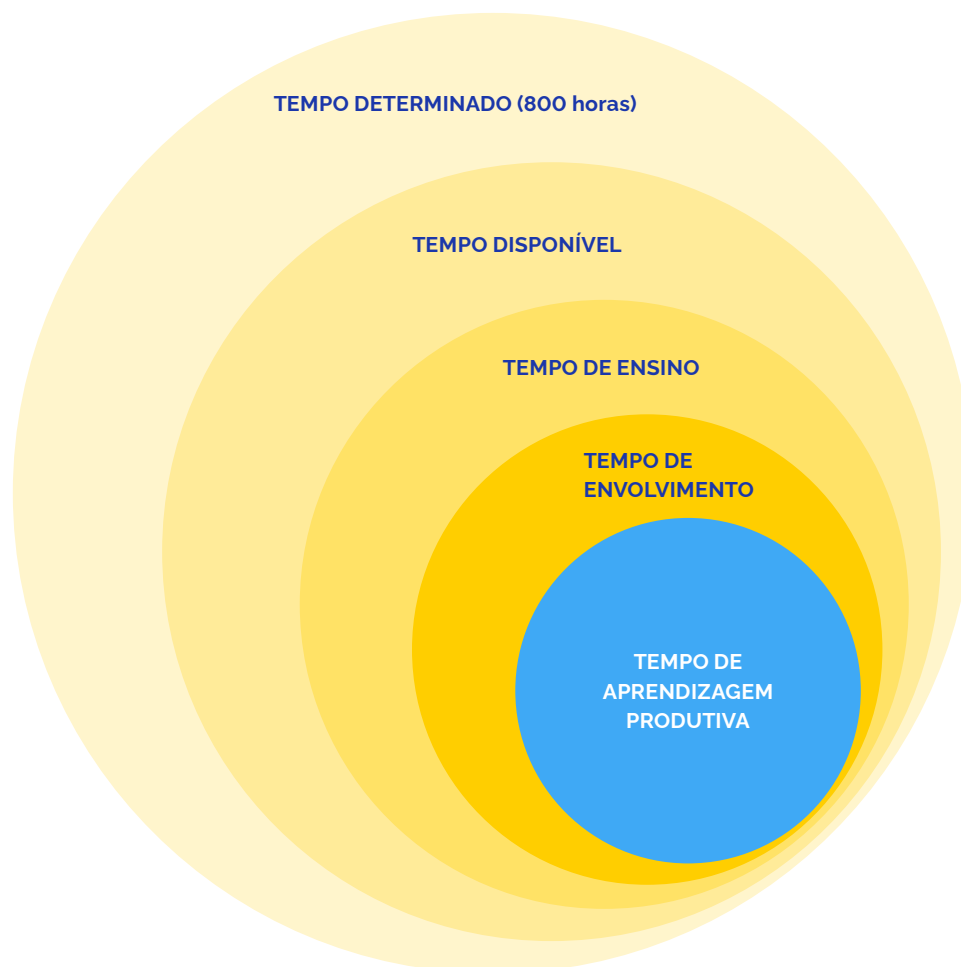
Assim, a potência da atividade não está apenas no que ela mobiliza em termos de participação, mas em como o professor organiza, orienta e conecta essa participação para que ela se converta em engajamento e aprendizagem. É nesse deslocamento **do fazer** para o **compreender** que o tempo de envolvimento pode, de fato, se transformar em tempo de aprendizagem.

Em síntese, o **tempo determinado** refere-se à carga horária formal exigida pelo Estado, como as 800 horas anuais para o Ensino Fundamental, conforme consta na LDB nº 9394/96 (Brasil, 1996), mas ele raramente corresponde à realidade prática da sala de aula. O que temos em mãos é o **tempo disponível** que surge após subtrairmos as ausências e os eventos do calendário, como feiras de ciências, conselhos de classe, atividades esportivas e culturais e celebrações sazonais. Dentro deste intervalo, temos o **tempo de ensino**, que é uma parcela especificamente dedicada à transposição didática realizada pelo professor.



Dentro do tempo destinado ao ensino, há o que pode ser chamado **tempo de envolvimento dos estudantes** e também o **tempo de aprendizagem produtiva**. O tempo de envolvimento dos estudantes não se traduz automaticamente em aprendizagem. O engajamento isolado em uma atividade pode ser ilusório: um estudante pode estar plenamente envolvido em uma tarefa lúdica, como a construção de uma maquete, sem que haja uma construção cognitiva sólida por trás da diversão. Ao identificar e diferenciar cada uma dessas dimensões, o educador torna-se capaz de tomar decisões mais assertivas, direcionando seus esforços para maximizar o que realmente importa: o tempo de aprendizado real dos estudantes.

Ao orientar o ensino pelas aprendizagens essenciais, pela progressão e pela intencionalidade, a BNCC (Brasil, 2018) indica que o tempo disponível precisa ser organizado de modo a favorecer a construção de significados e o desenvolvimento de competências. Nessa perspectiva, a distinção entre tempo de envolvimento e tempo de aprendizagem produtiva torna-se central: não basta que os estudantes estejam ativos, é necessário que esse envolvimento esteja alinhado a objetivos explícitos e acompanhado de intervenções que promovam compreensão e sistematização. Assim, mais do que ampliar o tempo de ensino, o desafio colocado pela BNCC (Brasil, 2018) é transformar o tempo existente em tempo efetivo de aprendizagem, de forma que as experiências vividas em sala contribuam, de fato, para o desenvolvimento dos estudantes.



Fonte: Adaptado de Weinstein e Novodvorsky (2015).

**IMPORTANTE**

Cuidado para que a busca pela maximização do tempo de aprendizado produtivo não negligencie a natureza das atividades propostas. Ao planejar as atividades, atente-se a como o tempo será usado pelos estudantes e se o que eles farão durante a aula apoia o alcance dos objetivos de aprendizagem.

Ensino efetivo e ampliação do tempo de aprendizagem produtiva

O objetivo de qualquer estratégia pedagógica deve ser usar o máximo do tempo para aprendizagem produtiva. Este conceito define uma proporção do tempo em que o estudante não está apenas ocupado, mas realiza um trabalho significativo e pedagogicamente adequado ao seu nível de desenvolvimento. Nesse sentido, ampliar o tempo de aprendizagem produtiva implica qualificar as situações de ensino, de modo que os estudantes permaneçam envolvidos em atividades com intencionalidade pedagógica e potencial real de aprendizagem.

No anseio de apoiar o processo de aprendizagem dos estudantes, um grande desafio dos professores é a busca por ampliar os momentos de ensino efetivo. Rogers (2008) define algumas características do ensino efetivo que podem contribuir com esse desafio.

Para o autor, o ensino efetivo exige uma postura profissional reflexiva do professor que implica no seu interesse genuíno pelo que ensina (conteúdo) e por quem é ensinado (estudante), sendo capaz de fazer instruções explícitas e assertivas, bem como ser comprometido em reconhecer e afirmar os esforços e progressos de seus estudantes.

Para que o ensino seja efetivo, o professor precisa avaliar constantemente suas práticas e buscar apoio de colegas para superar desafios. O ambiente de sala de aula precisa ser humanizado pela cordialidade e pelo respeito, elementos que ajudam a aliviar o esforço e fortalecem o senso de pertencimento do grupo. O sucesso pedagógico depende da qualidade do relacionamento construído, em que a empatia e o interesse genuíno pelo estudante contribuem com o desenvolvimento da aprendizagem.



PARA APROFUNDAR

Rogers (2008) sugere ainda o uso estratégico do questionamento e do “tempo de espera”, práticas que visam expandir o pensamento do estudante em vez de apenas buscar respostas prontas.

Para este autor, o **questionamento** é uma ferramenta central para organizar a dinâmica da sala de aula e promover a responsabilização dos estudantes. Ao substituir comandos diretos por perguntas explícitas, objetivas e não confrontacionais, o professor reduz resistências e conduz o aluno a reconhecer expectativas e ajustar seu comportamento. O uso do questionamento estrutura a participação, orienta o foco da atividade e apoia uma autoridade docente baseada na consistência e no respeito, criando condições mais favoráveis ao engajamento acadêmico.

Essa estratégia ganha maior potência quando articulada ao **tempo de espera**, conceito investigado por Rowe (1978, apud Rogers 2008), ao defender a importância de pausas após perguntas e intervenções. Ao evitar respostas imediatas ou interrupções, o professor cria um intervalo que permite ao estudante processar a questão, elaborar respostas e, quando necessário, autorregular seu comportamento. Desse modo, o questionamento, aliado ao tempo de espera, deixa de ser apenas um recurso de interação e passa a operar como um mecanismo que qualifica o tempo de aula, favorecendo a passagem do simples envolvimento para formas mais consistentes de aprendizagem e participação responsável.



No quadro a seguir, sintetizamos algumas das sugestões de Rogers (2008) para a gestão da sala de aula, evidenciando dimensões da relação pedagógica que contribuem para um ambiente favorável ao ensino efetivo. Em consonância com a BNCC (Brasil, 2018), essas práticas fortalecem a intencionalidade do trabalho docente e favorecem a conversão do tempo de ensino e de envolvimento em tempo de aprendizagem produtiva.

Alunos aprendendo na escola em sua sala de aula

Fonte: freepik / Magnific



Categoria	Descrição e Ações do Professor
Atitudes Pessoais 	Demonstra autoconfiança, paciência e entusiasmo pelo conhecimento, criando um ambiente acolhedor e intelectualmente estimulante. Essas atitudes favorecem o engajamento dos estudantes e sustentam uma autoridade baseada no respeito, e não na imposição. Ao manter uma postura equilibrada e aberta ao diálogo, o docente fortalece vínculos e amplia a disposição para aprender.
Relacionamento e Respeito 	Constrói relações pautadas no respeito mútuo, na justiça e na equidade, reconhecendo os estudantes como sujeitos singulares. Ao valorizar o esforço e promover um ambiente de escuta e empatia, favorece a participação e o senso de pertencimento. Essa postura fortalece vínculos e sustenta uma convivência democrática em sala de aula.
Clareza Instrucional 	Apresenta explicações e orientações de forma explícita, ajustadas ao nível de compreensão dos estudantes. Explicita os objetivos, a relevância das atividades e os critérios de avaliação, favorecendo a compreensão do que se espera em cada tarefa.
Monitoramento Ativo 	Acompanha continuamente a turma, circulando pela sala e observando tanto o progresso acadêmico quanto o comportamento dos estudantes. Esse acompanhamento permite intervenções rápidas, preventivas e ajustadas às necessidades do momento. Ao manter presença atenta e acessível, favorece o engajamento e a continuidade das atividades.
Uso de Perguntas 	Utiliza diferentes formas de questionamento para mobilizar o interesse, verificar a compreensão e aprofundar o pensamento dos estudantes. Ao formular perguntas explícitas e desafiadoras, orienta a participação de forma intencional. Além disso, respeita o tempo de espera, permitindo que os alunos processem e elaborem suas respostas.
Encorajamento e devolutivas 	Oferece devolutivas descritivas, centradas no processo, no esforço e na qualidade da tarefa, não se limitando a avaliações globais ou notas. Ao tratar o erro como parte do processo de aprendizagem, cria um ambiente seguro para tentar, revisar e avançar. Essa abordagem favorece a autorregulação e o desenvolvimento contínuo dos estudantes.
Gestão de Comportamento 	O professor intervém de forma focada e proporcional, priorizando a questão principal e mantendo baixo nível de intervenção. Em vez de recorrer a ameaças, oferece escolhas que promovem a responsabilização dos estudantes. Sempre que necessário, realiza intervenções de forma discreta, evitando exposição pública.
Autoridade Relacional 	A autoridade do professor não se impõe pela força, mas se constrói a partir da competência profissional, do planejamento das aulas e da qualidade das relações estabelecidas com os estudantes. Essa postura combina firmeza e respeito, favorecendo um clima de confiança e cooperação. Ao legitimar sua autoridade por meio da prática pedagógica, o docente fortalece o engajamento e a corresponsabilidade.

Baseado em Rogers (2008)



Estratégias para usar o tempo de sala de aula de maneira eficiente

PARA REFLETIR

A partir do que discutimos até aqui, pense por um momento:

Quanto tempo de ensino efetivo há em sua sala de aula?

O que pode estar prejudicando a otimização do ensino efetivo?

O que poderia ser feito para maximizar esse tempo?



Weinstein e Novodvorsky (2015) apresentam três estratégias para aumentar as oportunidades de aprender e que também podem ajudar a criar e manter a ordem na sala de aula. São elas: **manter o fluxo da atividade, minimizar o tempo de transição e responsabilizar os estudantes**. Vamos discutir sobre cada uma dessas estratégias.

Estratégia 1

Manter o fluxo da atividade

Manter o fluxo da atividade significa evitar situações em que os estudantes fiquem ociosos ou em que haja interrupções e idas e vindas desnecessárias nas ações do professor. Isso não significa preencher o tempo com um grande número de tarefas. Ao contrário, requer planejar cuidadosamente a sequência de ações do professor e dos estudantes ao longo da aula, prevendo também o que pode acontecer nos momentos de transição entre uma atividade e outra.



PRÁTICA EM FOCO

Ao planejar uma aula com foco em manter o fluxo da atividade, o professor Rogério antecipa os recursos que serão necessários para a aula. Durante a aula, enquanto seus estudantes finalizam uma leitura individual, ele circula pela sala monitorando o progresso. Assim que percebe que a maioria terminou, ele inicia a próxima fase sem hesitação, pois já deixou as instruções explícitas no quadro ou em um roteiro impresso.

E você, professor? Quais estratégias você usa em suas aulas para acompanhar os estudantes e manter a fluidez durante as atividades?



Estratégia 1

Sugestão de ações para manter o fluxo da atividade:

Planejar a sequência da aula com clareza de encadeamento

Definir previamente o que vem antes, durante e depois de cada atividade, evitando improvisações que geram pausas ou retrabalho.

Antecipar e preparar todos os recursos necessários

Garantir que materiais, instruções e demais recursos já estejam disponíveis no momento certo, evitando interrupções para procurar ou reorganizar.

Estruturar explicitamente as transições

Pensar e comunicar como se dará a passagem entre atividades (tempo, sinal, instruções), reduzindo momentos de indecisão ou dispersão.

Monitorar o ritmo da turma em tempo real

Circular pela sala e observar o progresso para ajustar o tempo das atividades, evitando tanto esperas quanto atropelos.

Fornecer instruções explícitas e acessíveis desde o início

Registrar orientações no quadro, roteiro ou material impresso, de modo que os estudantes possam avançar com autonomia sem depender de interrupções constantes.

Estratégia 2

Minimizar o tempo de transição entre as atividades

Gerenciar o tempo de transição entre atividades pode ser bastante desafiador para os professores. É fácil imaginar uma situação em que uma turma de 40 estudantes gasta metade da aula para organizar os materiais utilizados em uma experiência antes de sentar-se em suas carteiras para a continuação da aula.

Para reduzir o tempo de transição entre as atividades, o professor pode preparar os estudantes antecipadamente, explicitando quais ações devem ser realizadas durante a transição e acompanhar se o combinado está sendo cumprido. O estabelecimento de rotinas para esses momentos, bem como a definição explícita de quando uma atividade começa e quando termina, também contribuem para tornar as transições mais rápidas e organizadas. Apresentamos, a seguir, algumas sugestões que podem ajudar a gerenciar as transições que acontecem durante a aula.

Sugestões para gerenciar e ensinar transições durante a aula

1. Planejar e estruturar as transições

Explicitar previamente os procedimentos de transição: antes de encerrar a atividade, deixar explícito quais ações os estudantes devem realizar (guardar materiais, reorganizar carteiras, abrir o caderno etc.).

Definir marcadores explícitos de início e término: utilizar sinais previamente combinados, como comandos verbais ou referências de tempo, para indicar a mudança de atividade.

Estabelecer rotinas de transição: padronizar procedimentos em situações recorrentes, reduzindo dúvidas e tempo ocioso.

Antecipar pontos críticos da organização: prever situações como distribuição de materiais, deslocamentos ou formação de grupos e planejar previamente como ocorrerão.



2. Ensinar explicitamente as transições

Identificar e mapear as principais transições da aula: entrada e saída da sala, organização de materiais, alternância entre trabalho em grupo e individual, entrega de tarefas, escolha de parceiros, entre outras.

Explicitar o comportamento esperado: combinar quem faz o que, quando e como.

Oferecer oportunidades de prática: permitir que os estudantes exercitem as rotinas de transição em condições orientadas.

Fornecer devolutivas e orientar quando necessário: retomar as rotinas sempre que houver inconsistências.

Destacar comportamentos adequados: destacar o que foi feito de forma adequada.

3. Monitorar durante a transição

Supervisionar: observar a turma de forma ampla, identificando comportamentos adequados e inadequados.

Circular pela sala e usar a proximidade: intervir de forma preventiva, reduzindo dispersões.

Interagir com os estudantes durante a transição: oferecer lembretes, redirecionamentos e elogios específicos em tempo real.

Elaborado pelos autores a partir de: McIntosh *et al.*, (2004, apud Weinstein e Novodvorsky, 2015, p. 177).



PRÁTICA EM FOCO

Na aula de Ciências, a professora Helena inicia com uma rotina já conhecida: ao entrar, os estudantes guardam seus pertences, pegam o material e começam a atividade indicada no quadro. Sem necessidade de repetição, a aula já começa em fluxo.

Ao encerrar a primeira etapa, ela avisa o tempo restante e orienta a transição para o trabalho em grupo. Os estudantes rapidamente se organizam com base em critérios já definidos, e apenas o estudante que será o monitor de recursos busca os materiais, após o grupo decidir o que utilizar.

Durante a atividade, Helena circula e antecipa o próximo passo: organizar os materiais antes de finalizar. Em seguida, sinaliza a transição para o trabalho individual, no qual cada estudante registra a síntese no caderno.

No final da aula, os estudantes organizam seus espaços e registram a tarefa antes de sair, conforme combinado.

Ao longo de toda a aula, as transições ocorrem sem interrupções, pois foram previamente ensinadas, praticadas e incorporadas como rotina.



Ao longo de toda a aula, Helena quase não precisa “parar a turma”. Não porque os estudantes sejam naturalmente organizados, mas porque cada transição foi **ensinada, praticada e incorporada como rotina**.

E para você, professor, em suas aulas as transições já funcionam como rotinas incorporadas ou ainda demandam intervenções frequentes para acontecer?



Crianças aprendendo sobre o universo.

Fonte: freepik / Magnific

Estratégia 3

Corresponsabilizar os estudantes

Ser responsável por uma atividade e saber que ela será acompanhada tende a aumentar o comprometimento dos estudantes. Ao falar em “ser avaliado”, não se trata necessariamente de atribuir uma nota, mas de garantir que o trabalho realizado seja visto e receba devolutiva, por exemplo, por meio de comentários verbais do professor. Isso, por si só, já favorece maior engajamento. A autogestão do tempo e a tomada de decisões são competências complexas, que precisam ser ensinadas e apoiadas por meio de orientações explícitas e acompanhamento ao longo do processo.

Como menciona Rogers (2008) uma importante característica para o ensino efetivo é fazer uma comunicação explícita e específica sobre as tarefas e exigências. Monitorar o progresso ajuda os estudantes a usar seu tempo de modo sensato e produtivo. Apresentaremos, a seguir, algumas sugestões para corresponsabilizar os estudantes em seu processo de aprendizagem.

**Estratégia 3****Sugestões para corresponsabilizar os estudantes em seu processo de aprendizagem.****Explicitar as responsabilidades dos estudantes**

Indicar explicitamente o que cada estudante deve fazer, em quanto tempo e com quais critérios de qualidade.

Definir papéis nas atividades em grupo

Atribuir papéis específicos que ajudem na gestão do grupo (por exemplo: facilitador, harmonizador, monitor de recursos, repórter, gestor do tempo), garantindo a participação de todos.

Tornar o trabalho visível:

Solicitar registros, produções ou apresentações que permitam acompanhar o envolvimento de cada estudante.

Orientar a verificação do próprio trabalho

Incentivar os estudantes a verificarem se atenderam aos critérios antes de finalizarem a atividade.

Valorizar o cumprimento dos combinados

Reconhecer, de forma específica, quando os estudantes assumem e realizam suas responsabilidades.

Retomar os combinados quando necessário

Relembrar as responsabilidades definidas e orientar ajustes, sempre que os estudantes se afastarem do esperado.

Retomando a pergunta inicial

No início desta unidade, convidamos você a refletir sobre a pergunta: **De que maneira podemos ampliar o tempo de ensino efetivo em nossas salas de aula?**

Com base nas reflexões realizadas nesta unidade e nas contribuições da literatura estudada, entendemos que a gestão do tempo na sala de aula vai muito além do simples cumprimento do cronograma escolar. O grande desafio da docência contemporânea não é apenas "ter tempo", mas sim transformar o tempo disponível em tempo de aprendizagem produtiva. Como vimos, a maior parte do período letivo pode ser facilmente consumido por burocracias, transições desorganizadas ou atividades que, embora engajadoras, precisam de intencionalidade pedagógica.

Para fazer uma boa gestão do tempo e ampliar o ensino efetivo, o professor precisa estar atento a como o tempo de aula é utilizado e buscar o uso de estratégias que maximizam o tempo de aprendizagem produtiva como, por exemplo, manter o fluxo da atividade, minimizar os tempos de transição e corresponsabilizar os estudantes, dando instruções explícitas e monitorando o processo.

Considerações finais

Ao longo deste módulo, refletimos sobre dois elementos presentes em todas as salas de aula, mas que nem sempre recebem a atenção necessária no planejamento das aulas: a organização do espaço físico e o uso do tempo durante as aulas.



A reflexão da primeira unidade foi orientada pela pergunta: de que maneira a organização do espaço físico da sala de aula influencia as oportunidades de aprendizagem dos estudantes? A forma como o espaço é organizado comunica expectativas sobre como os estudantes devem participar, interagir e se envolver nas atividades propostas.

Diferentes possibilidades de interação e participação são criadas quando as carteiras e cadeiras estão organizadas de determinada maneira. Em outras palavras, a organização do espaço físico da sala de aula contribui, intencionalmente, para apoiar a aprendizagem dos estudantes.

A ideia central, portanto, não é buscar um arranjo ideal permanente, mas desenvolver um olhar pedagógico para o ambiente da sala de aula, reconhecendo que esse espaço também pode atuar como um recurso didático.

Na segunda unidade, voltamos nossa atenção para outro aspecto essencial da prática docente: a gestão do tempo disponível para a aula. A reflexão proposta partiu de uma constatação bastante comum entre professores, que é a sensação de que o tempo determinado para aula é sempre menor do que necessitam ou gostariam. No entanto, o tempo destinado oficialmente ao ensino nem sempre corresponde ao tempo efetivamente utilizado para aprender.

Parte da aula é naturalmente ocupada por rotinas escolares, transições entre atividades, organização de materiais ou resolução de pequenas situações do cotidiano. Entretanto, quando essas ações são planejadas e organizadas com intencionalidade, é possível reduzir o impacto que têm sobre o tempo de aprendizagem. Mais do que simplesmente "ganhar minutos", o desafio do professor é transformar o tempo determinado para aula em tempo efetivo de aprendizagem.

Isso envolve planejar minuciosamente as atividades que serão realizadas na aula, organizar bem as transições e comunicar expectativas de forma explícita para os estudantes. Pequenas decisões nesse sentido podem contribuir para que os estudantes permaneçam mais envolvidos nas atividades propostas.

Além disso, o espaço e tempo estão profundamente relacionados na dinâmica da sala de aula. Um espaço organizado de forma coerente com a atividade proposta tende a facilitar o bom andamento da aula. Da mesma forma, uma boa gestão do tempo contribui para que os estudantes compreendam melhor o que está acontecendo na aula, quando cada atividade começa e termina e qual é o propósito de cada uma delas. E essas condições influenciam diretamente a motivação para aprender.

Como vimos neste módulo, estudantes tendem a se envolver mais quando percebem que as atividades têm propósito, quando conseguem participar das interações e quando encontram um ambiente que favorece a colaboração, a escuta e o diálogo. A clareza na organização da aula, tanto no espaço quanto no tempo, ajuda a construir um ambiente mais previsível e seguro para a aprendizagem, criando condições que favorecem o engajamento e a participação dos estudantes nas atividades propostas.

Pesquisas sobre gestão da sala de aula como as de Weinstein e Novodvorsky (2015) e



a de Rogers (2008) indicam que ambientes estruturados, com expectativas explícitas e oportunidades de participação, favorecem o engajamento dos estudantes e ampliam as possibilidades de aprendizagem, pois a possibilidade de que os estudantes se envolvam cognitivamente com as tarefas e persistam diante de desafios aumenta quando eles sabem o que se espera deles, têm oportunidades reais de participar e conseguem perceber sentido nas atividades. Por outro lado, ambientes confusos, transições desorganizadas ou atividades que não mobilizam o pensamento dos estudantes podem favorecer dispersão, desmotivação e perda de foco. Por isso, refletir sobre espaço e tempo na sala de aula é também refletir sobre como criar condições mais favoráveis para o engajamento dos estudantes no processo de aprendizagem.

Discutimos também que pequenos ajustes na organização da sala ou na condução das atividades podem produzir mudanças importantes na forma como os estudantes participam das aulas. E que, às vezes, reorganizar temporariamente as carteiras para uma discussão, antecipar orientações para uma transição entre atividades ou explicitar melhor o objetivo de aprendizagem de uma atividade já pode fazer muita diferença na dinâmica da aula.



Vista frontal de crianças na sala de aula.

Fonte: freepik / Magnific

No entanto, professores ainda se deparam com outros desafios presentes no cotidiano escolar, como, por exemplo, os comportamentos desafiadores dos estudantes no dia a dia da sala de aula. Compreender por que esses comportamentos acontecem e como lidar com eles de maneira pedagógica é uma parte importante do trabalho docente.

Por essa razão, no módulo 3, aprofundaremos a discussão sobre esses comportamentos desafiadores em sala de aula e discutiremos como interpretar determinadas atitudes dos estudantes, quais fatores influenciam esses comportamentos e como podemos lidar com eles.



Convidamos você a seguir para o próximo módulo refletindo sobre sua sala de aula e buscando compreender como diferentes decisões pedagógicas contribuem para criar condições cada vez mais favoráveis à aprendizagem dos estudantes.

Referências

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Pesquisa Internacional sobre Ensino e Aprendizagem (TALIS) 2024. **Questionário do Professor - Anos Finais do Ensino Fundamental** (Formulário C): frequência de respostas. Brasília, DF: Inep, 2024. Disponível em: https://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pesquisa_talis/questionarios/2024/questionario_do_professor_anos_finais_formulario_c_frequencia_de_respostas_talis_2024.pdf. Acesso em: 02 mai. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 02 maio 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 02 maio 2026.

LOTAN, Rachel A.; COHEN, Elizabeth G. **Planejando o trabalho em grupo**: estratégias para salas de aula heterogêneas. Porto Alegre: Penso, 2017.

ROGERS, Bill. Ensino efetivo: entendimentos e habilidades fundamentais. In: ROGERS, Bill. **Gestão de relacionamento e comportamento em sala de aula**. Trad. Gisele Klein. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TEIXEIRA, Madalena Telles; REIS, Maria Filomena. A organização do espaço em sala de aula e as suas implicações na aprendizagem cooperativa. **Meta: Avaliação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p. 162-187, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/348658613_A_Organizacao_do_Espaco_em_Sala_de_Aula_e_as_Suas_Implicacoes_na_Aprendizagem_Cooperativa. Acesso em: 30 mar. 2026.

WEINSTEIN, Carol Simon; NOVODVORSKY, Ingrid. **Gestão da sala de aula**: lições da pesquisa e da prática. Porto Alegre: Grupo A, 2015.

A woman with dark curly hair, smiling and pointing her right index finger towards a laptop screen. She is wearing a light-colored long-sleeved shirt. In the background, a man in a plaid shirt is visible, looking at the laptop. The scene is set in a classroom or meeting room with a laptop on a table.

Módulo 3
***Estratégias de
participação e
engajamento em
sala de aula***



Apresentação

PARA REFLETIR

Quais são os comportamentos desafiadores dos estudantes mais recorrentes em suas salas de aula?

Para você, qual o papel do professor em relação aos desafios comportamentais dos estudantes?

Quais são os recursos e práticas que você mobiliza para lidar com a questão dos comportamentos em suas salas de aula?



Neste terceiro módulo, discutiremos um importante elemento da gestão da sala de aula: os comportamentos dos estudantes e os problemas associados que impactam no cotidiano escolar. O comportamento dos estudantes se apresenta como um dos elementos centrais da aprendizagem nos mais diferentes contextos da educação brasileira. Muitas vezes, os comportamentos inadequados e desafiadores são vistos como um dos principais desafios para o trabalho docente e o quê, como, quando fazer intervenções nestas situações são decisões que estão na rotina de todos os professores.

Na **primeira unidade** deste módulo, propomos a discussão sobre a visão dos professores em relação aos comportamentos dos estudantes, a caracterização dos comportamentos desafiadores como um elemento contextual do trabalho dos professores e de suas práticas pedagógicas e o estabelecimento de normas e rotinas como uma potente estratégia de gestão da sala ao tornar explícitas as expectativas de comportamento.

Já na **segunda unidade** deste módulo nos aprofundamos nas estratégias para lidar com os comportamentos desafiadores, refletimos sobre as suas consequências e analisamos os princípios para apoiar as intervenções pedagógicas voltadas aos diferentes comportamentos desafiadores que podem ser apresentados pelos estudantes.



Unidade 1

A construção de ambientes de respeito, seguros e para a aprendizagem

PARA REFLETIR

Relembre por um momento a sua vida de estudante na Educação Básica:

Quais estratégias disciplinares usadas pelos seus professores eram mais efetivas para trazer a atenção da turma para a aula?

Quais estratégias eram menos efetivas?

Como você se sentia diante destas estratégias adotadas pelos seus professores?



É comum ouvir dos professores dos Anos Finais e Ensino Médio o argumento de que adolescentes já conhecem as normas escolares por estarem no sistema há anos. No entanto, a realidade da sala de aula nos mostra outra situação. Cada professor possui um estilo de gestão, o que é tolerável na aula de Artes pode não ser na de Matemática. Enquanto alguns professores admitem certo nível de conversa entre os estudantes durante as atividades, outros preferem um ambiente de silêncio absoluto. Da mesma forma, há aqueles que aceitam respostas espontâneas, ao passo que outros estabelecem como regra levantar a mão e aguardar a vez de falar.

Essa diversidade de expectativas e práticas não é casual, mas está diretamente relacionada à própria natureza da sala de aula como um sistema social complexo, formado por pessoas com histórias de vida, identidades, culturas, personalidades e desejos distintos e no qual se manifestam dilemas e tensões. No caso da Educação Básica, essa complexidade se intensifica pelo fato de atender majoritariamente crianças e adolescentes em etapas do desenvolvimento marcadas pela construção de referenciais morais, pela experimentação de limites e pela aprendizagem das relações com os pares, com o coletivo e com as figuras de autoridade.



PARA APROFUNDAR

Sugerimos que você assista ao [documentário](#) "Uma Escola para as Adolescências", produzido pelo Ministério da Educação (MEC) e a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), em parceria com o Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed) e a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), que discute os desafios enfrentados pelos adolescentes nessa etapa do desenvolvimento humano e os reflexos na vida escolar.



Tomando como contexto a complexidade do sistema social constituído nas salas de aula, como a/o professora/professor pode agir para construir em suas salas de aula ambientes seguros, respeitosos e propícios à aprendizagem?

Muitos professores, mesmo aqueles mais experientes, podem não ter um conjunto de normas e rotinas explícitas definidas e compartilhadas com os estudantes. Isto não implica na ausência delas em suas salas de aula. Elas estão lá de maneira implícita, o que pode dificultar o alinhamento entre a visão do professor sobre como os estudantes devem se relacionar e comportar-se no espaço escolar e o que de fato ocorre em sua aula. Além disso, as normas e rotinas implícitas, como a forma pela qual o professor reage a situações de conflito, podem não estar alinhadas à sua concepção de ensino nem aos objetivos pedagógicos da aula. Em uma atividade em grupo, por exemplo, que tem como objetivo desenvolver a colaboração, o professor pode, ao surgir um desentendimento entre os estudantes, separar imediatamente os envolvidos e redistribuí-los, encerrando a interação em vez de mediar o diálogo e apoiar a construção conjunta de soluções.

Quando o docente não estabelece normas explícitas sob o pretexto de “não perder tempo de conteúdo” ou qualquer outro motivo, ele acaba, ironicamente, perdendo mais tempo lidando com interrupções e mal-entendidos que podem impactar no tempo para as aprendizagens. Definir expectativas não significa subestimar o estudante, mas sim oferecer um mapa de navegação que gera segurança emocional e discernimento, promovendo o alinhamento de expectativas.

De acordo com Weinstein e Novodvorsky (2015), a efetividade na gestão da sala de aula está associada ao planejamento de condições que previnam a ocorrência de problemas. Isso envolve, entre outros aspectos, a observação constante da turma, expressa na atenção distribuída do professor ao que acontece em diferentes pontos da sala, e a condução de atividades com ritmo e encadeamento consistentes, evitando interrupções desnecessárias. Quando o professor se mantém atento e organiza o fluxo da aula de forma coerente, reduz-se a possibilidade de dispersões e comportamentos inadequados, ao mesmo tempo em que se constrói um ambiente previsível e seguro para a aprendizagem.



Garoto entediado na sala de aula.

Fonte: freepik / Magnific



Gestão de sala de aula

Weinstein e Novodvorsky (2015)

A efetividade na gestão da sala de aula está associada ao planejamento de condições que previnam a ocorrência de problemas.

COMO ISSO SE MATERIALIZA NA PRÁTICA?

1

Monitoramento contínuo

O professor observa o que acontece em diferentes pontos da sala, mesmo enquanto conduz a aula.

Atenção distribuída que permite perceber antecipadamente situações que podem se tornar problemas.

2

Estruturação das condições

O professor organiza regras, rotinas, espaços, materiais e expectativas de forma clara e consistente.

Ambiente previsível que orienta o comportamento e reduz incertezas.

3

Ritmo e encadeamento da aula

As atividades fluem com coerência, evitando pausas, improvisos e interrupções desnecessárias.

Tempo de engajamento mantido, com menos brechas para a dispersão.

4

Interações de qualidade

O professor se comunica de forma respeitosa e precisa, construindo relações positivas com os estudantes.

Apoio ao aprendizado e ao pertencimento, fortalecendo o clima de respeito.

O QUE ISSO PROMOVE?

Redução de dispersões e comportamentos inadequados



Ambiente previsível e organizado



Mais condições para a aprendizagem de todos



Um ambiente seguro e favorável à aprendizagem



EM SÍNTESE

Quando o professor mantém presença atenta, organiza o fluxo da aula e estabelece relações positivas, cria um ambiente em que os estudantes se sentem seguros para aprender e participar.

Fonte: Criado a partir de Weinstein e Novodvorsky (2015).



Normas e rotinas para evidenciar as expectativas de comportamentos

De acordo com Weinstein e Novodvorsky (2015), normas (ou regras) e rotinas desempenham papéis complementares na organização da sala de aula, embora tenham naturezas distintas. As normas correspondem a expectativas gerais e relativamente estáveis de comportamento, com forte dimensão ética, orientadas por princípios como respeito mútuo, segurança e preparo para a aprendizagem. Já as rotinas referem-se a procedimentos específicos do cotidiano, que orientam como as atividades devem ser realizadas, contribuindo para a fluidez das ações, a organização do tempo e a previsibilidade do ambiente de aprendizagem.

Não é razoável esperar que os estudantes deduzam, por conta própria, as expectativas de comportamento e as rotinas que organizam o dia a dia da sala de aula. Um ato pedagógico cuidadoso está na comunicação inicial daquilo que se espera dos estudantes durante sua permanência nos ambientes escolares, especialmente na sala de aula, a partir da definição e do estabelecimento de normas e rotinas. Quando essas expectativas não são ensinadas, os estudantes tendem a agir por tentativa e erro, o que pode gerar insegurança e conflitos. Nesse sentido, explicitar normas constitui um ato de cuidado pedagógico, pois evita mal-entendidos e estabelece um referencial explícito sobre participação, respeito, organização e responsabilidade.



PRÁTICA EM FOCO

Em uma turma de 6º ano, a professora percebeu que os primeiros minutos da aula eram constantemente marcados por muito barulho, estudantes levantando para pegar materiais, perguntas repetidas sobre o que fazer e demora para iniciar as atividades. Para enfrentar isso, ela construiu com a turma uma rotina de entrada: ao chegar, cada estudante deveria pegar o caderno, copiar a agenda do dia do quadro, separar o material indicado e iniciar uma breve atividade de abertura. Além disso, combinou uma norma de convivência: durante esse momento inicial, a conversa deveria acontecer apenas se estivesse relacionada à tarefa e em tom baixo.

Nas primeiras aulas, a professora lembrou o combinado, orientou o procedimento e elogiou a turma quando a rotina foi cumprida. Depois de alguns dias, os estudantes já sabiam o que fazer sem depender de orientações sucessivas. O início da aula se tornou mais ágil, com menos deslocamentos desnecessários e menos interrupções. Nesse caso, a rotina organizou o passo a passo da entrada, enquanto a norma explicitou o comportamento esperado durante esse momento. Juntas, elas reduziram a desorganização e preveniram comportamentos que antes comprometiam o tempo e o foco da aula.

Diante do caso dessa professora, reflita: O que essa situação revela sobre a importância de ensinar explicitamente normas e rotinas na construção de um ambiente de aprendizagem mais eficiente?



As normas e rotinas precisam ser construídas de modo democrático e participativo, por meio de escolhas que façam sentido em relação às ações e comportamentos esperados dos estudantes, articulando-se também às orientações institucionais da escola e não sobrepondo-se a elas. Essa construção favorece a criação de um ambiente respeitoso, organizado e propício ao diálogo, no qual os estudantes compreendem seu papel nas dinâmicas coletivas. Para isso, é fundamental que o professor assegure a adequação dessas orientações à faixa etária dos alunos, sua pertinência para o funcionamento do grupo e sua coerência com a proposta pedagógica, evitando restringir interações essenciais ao processo de aprendizagem. Essa construção participativa, contudo, não dispensa o ensino explícito das normas; ao contrário, exige que o professor as traduza em comportamentos observáveis e as ensine de forma intencional.

Além de serem construídas com os estudantes, as normas devem ser ensinadas com o mesmo rigor que os conteúdos acadêmicos, conforme destacam Weinstein e Novodvorsky (2015). Isso implica uma abordagem intencional: definir a regra, justificar sua finalidade favorecendo a adesão dos estudantes, explicitar o comportamento esperado e indicar as consequências de seu não cumprimento. Tal processo exige, ainda, que formulações abstratas sejam traduzidas em comportamentos observáveis. Expressões como "seja respeitoso", por exemplo, precisam ser concretizadas em ações como ouvir sem interromper, utilizar um tom de voz adequado e cuidar dos materiais dos colegas.



PAUSA PARA REFLEXÃO

Weinstein e Novodvorsky (2015) destacam que a qualidade das normas influencia diretamente sua eficácia, elas devem ser razoáveis, explícitas, coerentes com os objetivos de aprendizagem e alinhadas às normas institucionais. Quando possuem lógica compreensível e são explicitamente ensinadas com exemplos e justificativas, tendem a ser mais aceitas pelos estudantes, fortalecendo o engajamento e a corresponsabilidade pelo ambiente da sala.

Em que medida as normas e rotinas que você estabelece com seus estudantes se aproximam destas características?



O ensino das normas se articula diretamente ao estabelecimento de rotinas bem definidas para as atividades recorrentes, contribuindo para a redução de incertezas e para a ampliação do tempo de aprendizagem. Ao evidenciar as expectativas de comportamento, o professor favorece o desenvolvimento de competências previstas na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), como empatia, diálogo, resolução de conflitos e cooperação, bem como autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação.

Nesse contexto, normas e rotinas assumem papel central na organização do tempo e na efetividade das aulas. Procedimentos bem definidos reduzem a confusão, evitam interrupções constantes e permitem que atividades operacionais, como entrada, entrega de tarefas ou uso de materiais, ocorram de forma fluida. Isso libera tempo para que professores e estudantes possam se dedicar às atividades de ensino e aprendizagem. Além disso, normas e rotinas atuam preventivamente na inibição de comportamentos inadequados: quando os estudantes sabem o que fazer, como fazer e em que momento agir, há menos espaço para condutas disruptivas, o que contribui para um clima mais estável e produtivo.

As rotinas também estruturam o funcionamento cotidiano da sala em diferentes níveis: organizam aspectos administrativos (entrada, chamada, circulação), sustentam o desenvolvimento das atividades pedagógicas (uso de materiais, realização de tarefas) e regulam as interações (quando e como falar, pedir ajuda ou participar). Essa estrutura reduz a imprevisibilidade do ambiente e cria condições para que os estudantes se sintam mais seguros e aptos a participar ativamente do processo de aprendizagem.

Além disso, as normas e rotinas precisam permanecer visíveis e ser constantemente revisitadas, especialmente quando não são cumpridas. Como foram definidas em comum acordo, tanto o professor quanto os estudantes são responsáveis por sua implementação e monitoramento. Essa construção colaborativa e corresponsável favorece o desenvolvimento do protagonismo estudantil, aspecto amplamente enfatizado na BNCC (Brasil, 2018).



Aluna sentada na sala de aula e segurando um marcador verde

Fonte: pressfoto / Magnific



Um equívoco recorrente, entretanto, é tratar normas e rotinas como comunicados pontuais, apresentados apenas no início do ano letivo, sem continuidade no cotidiano da sala de aula. A efetivação desses princípios exige que o professor vá além da enunciação, incorporando-os de forma intencional e explícita nas práticas diárias. Dessa forma, valores como respeito e alteridade deixam de ser apenas ideais abstratos e passam a orientar concretamente as interações, sustentando a construção de um ambiente inclusivo e respeitoso.

Em síntese, normas e rotinas são condições fundamentais para a aprendizagem. Elas tornam o ambiente previsível, comunicam expectativas com clareza, orientam comportamentos desejáveis e previnem a indisciplina. Quando bem planejadas, ensinadas e continuamente retomadas, constituem uma estratégia central de gestão da sala de aula, com impacto direto na qualidade do ensino e no engajamento dos estudantes.



PARA APROFUNDAR

O uso do celular e as normas e rotinas em sala de aula

Um dos desafios da gestão da sala de aula e das normas e rotinas no contexto brasileiro tem sido o uso de celulares, frequentemente associado à dispersão da atenção e a conflitos. Com a promulgação da Lei nº 15.100/2025, que regulamenta o uso de dispositivos eletrônicos por estudantes na educação básica, passaram a ser estabelecidas restrições que abrangem tanto as aulas quanto os intervalos. A medida tem contribuído para maior foco nas atividades, melhoria das interações entre os estudantes e impactos positivos nas aprendizagens.

No entanto, a legislação, por si só, não resolve todos os desafios relacionados à gestão da sala de aula. Seus efeitos dependem de um conjunto articulado de ações, que inclui formação docente e investimentos em infraestrutura, como acesso à internet para fins pedagógicos, laboratórios e outros recursos. Assim, a regulação do uso de celulares precisa estar integrada a práticas pedagógicas que organizem o tempo, a atenção e as interações entre os estudantes, de modo a potencializar as condições de aprendizagem.

O documento “Guia uso de celular na escola”, disponível em <https://mecred.mec.gov.br/recursos/364589>, é um material desenvolvido pelo Ministério da Educação (MEC) para apoiar a implementação desta Lei.



Garota usando celular na sala de aula.

Fonte: freepik / Magnific

**PRÁTICA EM FOCO**

Em uma aula de História do 9º ano, o professor propôs um "Debate de Perspectivas" sobre os impactos da Revolução Industrial, com o objetivo de desenvolver o pensamento crítico e a argumentação fundamentada dos estudantes. A turma foi organizada em grupos que representavam diferentes setores da sociedade da época, como operários, donos de fábricas e inventores.

Para a realização da atividade, o professor combinou com os estudantes o uso de celulares como ferramenta de pesquisa durante a fase inicial de preparação dos argumentos. Ficou estabelecido que, no momento do debate, os aparelhos deveriam permanecer virados para baixo sobre as mesas. Além disso, definiu-se como regra que os argumentos apresentados deveriam estar baseados em evidências do material didático ou das pesquisas realizadas, não sendo aceitas opiniões sem fundamentação.

Durante o debate, o professor atuou como mediador, organizando as falas, o tempo de participação entre os estudantes e acompanhando se os combinados, como ouvir o colega sem interrupções, estavam sendo respeitados.

Agora reflita:

Se você estivesse no lugar do professor, manteria as mesmas regras e combinados para o uso dos celulares e para o debate? O que mudaria ou acrescentaria para potencializar a participação e a qualidade das argumentações dos estudantes?

Retomando a pergunta inicial

Tomando como contexto a complexidade do sistema social constituído nas salas de aula, como a/o professora/professor pode agir para construir em suas salas de aula um ambiente seguro, respeitoso e propício à aprendizagem?

Antes de qualquer coisa, é importante, já nos primeiros momentos de contato com os estudantes, definir as normas e rotinas da turma, processo que deve ocorrer da forma mais democrática possível. Cabe destacar que essa construção participativa não se dá de modo desvinculado do contexto institucional, devendo estar alinhada às normas e diretrizes da escola, que oferecem um referencial comum para a organização da convivência e das práticas pedagógicas.

A turma pode ser envolvida nessa definição por meio de um diálogo no qual os estudantes explicitem suas expectativas em relação ao próprio comportamento e ao dos colegas, de modo a favorecer o desenvolvimento das atividades de aprendizagem e a construção de um convívio pautado no respeito recíproco. Uma forma de iniciar esse movimento é propor questões como: "Que tipo de comportamento precisamos ter para que todos consigam aprender?" ou "O que é importante combinar para que a sala funcione bem para todos?". Essas questões podem ser dirigidas a todo o grupo ou discutidas inicialmente em



pequenos grupos, com posterior socialização das ideias. Independentemente da estratégia adotada, o fundamental é que os estudantes se sintam participantes desse processo, pois, quanto maior o envolvimento, maior tende a ser o senso de corresponsabilidade no cumprimento das normas e rotinas.

Após sua construção, é importante que essas normas e rotinas sejam registradas e mantidas visíveis a todos, sendo retomadas sempre que necessário, tanto para releitura quanto para apoiar reflexões diante de comportamentos que se afastem do que foi acordado.



Alunos na escola

Fonte: pressfoto / Magnific

Ressaltamos, assim, que a gestão da sala de aula não se reduz a respostas padronizadas ou aplicáveis indistintamente a todas as turmas, mas se constitui como um processo situado, marcado pela complexidade das relações que se estabelecem no cotidiano escolar. Trata-se de um sistema social dinâmico, que se reorganiza a cada nova turma e em função dos diferentes contextos vivenciados. Em cada encontro, emergem situações que demandam análise, tomada de decisão e ação pedagógica intencional, configurando-se, ao mesmo tempo, como desafios e oportunidades de aperfeiçoamento da prática docente, desafios esses inerentes à própria docência.



Unidade 2

Estratégias para lidar com comportamentos desafiadores em salas de aula

PARA REFLETIR

Pense por um momento:

Quais são os comportamentos que os estudantes apresentam que podem interferir na aprendizagem dos outros estudantes?

Quais estratégias você usa para lidar com esses comportamentos? Elas vieram da sua experiência, de formações das quais você participou ou de alguma referência teórica?



A ocorrência de comportamentos desafiadores por parte dos estudantes não deve ser interpretada como fracasso do professor ou da escola, mas como um fenômeno inerente ao processo educativo, que se manifesta no cotidiano escolar, nas dinâmicas da sala de aula, na relação entre professor e estudantes e nas interações entre os próprios estudantes.

Uma vez que conseguimos caracterizar esse dado da realidade do trabalho docente, a compreensão de que essas situações vão acontecer e de que vamos precisar lidar com elas, conseguimos colocar o olhar sobre uma nova dimensão importante do trabalho do professor: como agir frente às diferentes situações desafiadoras que os estudantes nos apresentam?

A gestão dos comportamentos dos estudantes não se resolve por meio de uma única resposta ou solução aplicável a todas as situações. Nesse sentido, diferentes autoras e autores do campo da educação e da gestão da sala de aula têm se dedicado a compreender esses desafios, oferecendo contribuições que auxiliam na construção de estratégias pedagógicas para lidar com os comportamentos no cotidiano escolar.

Comportamentos desafiadores, indisciplina e consequências

Um primeiro elemento muito importante para pensar nos comportamentos desafiadores é sua recorrente presença nos debates sobre a prática docente ao longo da história. Nesse sentido, Vasconcellos (2022) aponta que esse debate é uma das maiores reivindicações dos temas da formação continuada de professores, afinal, no contexto brasileiro estes problemas estão presentes, mas nem sempre temos recursos pedagógicos ou espaços coletivos para discutir, de forma qualificada, as intervenções mais adequadas.

Para o autor, o debate sobre os comportamentos dos estudantes e especialmente a compreensão da disciplina como parte da organização do ambiente de trabalho escolar,



bem como expressão de comportamentos, posturas e atitudes, evidencia que a disciplina, em suas dimensões individual e coletiva, constitui um elemento fundamental para a aprendizagem e o desenvolvimento humano, considerando a complexidade inerente ao ato de aprender.

Partindo dessa complexidade, Vasconcellos (2022) propõe que o processo de aprendizagem requer não apenas uma organização disciplinar individual, relacionada aos processos cognitivos, mas também a regulação dos comportamentos no âmbito da convivência social. Nessa perspectiva, embora a motivação para aprender seja um elemento relevante para o desenvolvimento das aprendizagens, a realidade das salas de aula não se caracteriza por níveis contínuos de interesse por parte de todos estudantes, dada a diversidade das identidades e das situações vivenciadas. Isso implica reconhecer, no trabalho docente, a necessidade de mediar os comportamentos dos estudantes, de modo a favorecer suas aprendizagens e a não comprometer o processo de aprendizagem dos demais.



Professora conversando com aluna.

Fonte: zinkevych / Magnific

Vasconcellos (2022) também chama a atenção para o fato de que, mesmo em contextos nos quais se constrói um ambiente favorável à aprendizagem e os estudantes demonstram interesse, os comportamentos desafiadores podem se manifestar, por exemplo, quando vários estudantes desejam falar ao mesmo tempo, manipular materiais ou chamar a atenção do professor. Esse cenário reforça, como destaca o autor, a necessidade de estratégias intencionais para a gestão dos comportamentos, exigindo do professor disposição, sensibilidade, mobilização de ações de orientação e negociação de interesses.

Em conexão com o papel da discussão dos comportamentos desafiadores levantados por Vasconcellos (2022), consideramos que uma ferramenta relevante para pensar nas estratégias pedagógicas em resposta a eles é a diferenciação entre punição e consequência no contexto escolar, como proposto por Rogers (2008), que nos convida a refletir sobre esse problema, ao evidenciar como, muitas vezes, a punição surge como a primeira e até a única resposta dos professores diante de comportamentos inadequados.

Para Rogers (2008), além do debate sobre o uso da palavra punição, a grande questão está na **punição** enquanto uma prática não crítica, que representa a lógica de que os estudantes precisam “pagar” por um comportamento inadequado, geralmente por meio de experiências desconfortáveis e pouco relacionadas com seu comportamento, como, por exemplo, o professor pedir a dois estudantes que estão brincando durante a aula para que saiam da sala.



A **consequência**, por sua vez, insere-se em uma lógica pedagógica de responsabilização pelo comportamento, baseada na compreensão dos estudantes sobre quais normas foram desrespeitadas e os efeitos de suas ações sobre outros estudantes, o professor e o coletivo. O trabalho com consequências está diretamente relacionado à intencionalidade do professor em promover aprendizagens tanto no campo dos comportamentos quanto na construção da própria aprendizagem. Retomando o exemplo anterior de dois estudantes que estão brincando, durante a aula, no caso de usar a consequência, o professor diria a eles: "Como vocês não conseguiram manter o foco juntos, vou pedir que sentem em lugares diferentes para continuar a atividade."

Punição x Consequência

No contexto escolar — Weinstein e Novodvorsky (2015)

PUNIÇÃO



CONSEQUÊNCIA

DEFINIÇÃO

Resposta **imposta** pelo adulto, geralmente **reativa** e, muitas vezes, emocional, diante de um comportamento considerado inadequado.

FOCO

No **controle imediato** do comportamento e na obediência.

LÓGICA

Faz o estudante "pagar" pelo que fez de inadequado.

EXEMPLOS

Gritar, ameaçar, dar sermão, retirar privilégios, aplicar suspensões ou castigos.

RELAÇÃO COM A AÇÃO

Nem sempre está relacionada ao comportamento e à situação que ocorreu.

EFEITOS PROVÁVEIS

Pode gerar obediência momentânea, mas não promove compreensão, responsabilização nem mudança consistente de comportamento.

DEFINIÇÃO

Resposta **planejada e intencional** do adulto, relacionada ao comportamento e à situação, com objetivo **pedagógico**.

FOCO

Na **aprendizagem**, na responsabilização e na construção de comportamentos adequados.

LÓGICA

Ajuda o estudante a **compreender** os efeitos de suas ações e a fazer **escolhas mais adequadas** no futuro.

EXEMPLOS

Restituição de danos, pedido de desculpas, reparar o que foi afetado, assumir responsabilidades, combinar novos comportamentos, refletir sobre o que aconteceu.

RELAÇÃO COM A AÇÃO

Está **diretamente** relacionada ao comportamento e à situação que ocorreu.

EFEITOS PROVÁVEIS

Promove reflexão, responsabilização, reparação e aprendizagem de comportamentos mais adequados, fortalecendo vínculos e a convivência.



INTENCIONALIDADE DOCENTE: O trabalho com consequências está diretamente relacionado à intencionalidade do professor em promover aprendizagens tanto no campo dos comportamentos quanto no da própria aprendizagem escolar.

Fonte: Criado a partir de Weinstein e Novodvorsky (2015).



Considerando a distinção entre punição e consequência, Weinstein e Novodvorsky (2015) retomam as contribuições de Curwin e Mendler (1999a, 1999b, 2003, 2009 apud Weinstein e Novodvorsky, 2015), que dialogam com o que propõe Vasconcellos (2022), quando defendem que a gestão da sala de aula, no que se refere aos comportamentos, implica em lidar com as condutas dos estudantes como parte constitutiva da docência. Nessa perspectiva, as estratégias adotadas devem não apenas preservar a dignidade de cada estudante, mas também se orientar pelo ensino da responsabilidade, em lugar da mera exigência de obediência.

A construção de uma visão da docência e da gestão da sala de aula desde a importância do ensino da responsabilidade e das consequências dos comportamentos está diretamente relacionada e amparada no que preconiza a BNCC (Brasil, 2018) para o desenvolvimento das competências gerais da educação básica, especialmente da Competência Geral 10, que dispõe sobre a organização da educação para tornar possível que os estudantes possam “Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários (Brasil, 2018).”, e também reflete a visão que inicia a discussão desta disciplina, o equilíbrio entre autoridade e liberdade.

Assim, ao afirmar em Pedagogia da Autonomia que “o grande problema que se coloca ao educador ou à educadora de opção democrática é como trabalhar no sentido de fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade”, Freire (1996, p. 118), nos convoca a pensar, de forma intencional, sobre normas, limites e respostas aos comportamentos desafiadores. Nesse sentido, faz parte do exercício da autoridade docente orientada por princípios democráticos, contribuir para a construção de um ambiente de aprendizagem que articula, de modo indissociável, autoridade e liberdade.

Nessa mesma direção, Weinstein e Novodvorsky (2015) apresentam elementos que orientam a elaboração de práticas de resposta aos comportamentos dos estudantes, tomando como princípio fundamental a coerência entre as consequências propostas e

as normas que foram descumpridas. Nessa perspectiva, as consequências assumem um importante potencial pedagógico quando são explícitas, específicas e diretamente relacionadas ao comportamento ocorrido, permitindo que os estudantes compreendam, na prática, os efeitos de suas ações. Para tanto, é fundamental que o professor disponha de um repertório diversificado de estratégias pedagógicas que sustentem intervenções consistentes, formativas e alinhadas aos princípios educativos.



Aluno fazendo a tarefa na sala de aula.

Fonte: Magnific

**PRÁTICA EM FOCO**

Em uma aula de Ciências do 9º ano, enquanto os estudantes se organizam para uma atividade em grupo, a professora Kátia retoma e discute com a turma as normas de comportamento previamente estabelecidas: os materiais devem ser compartilhados com respeito e o ambiente precisa ser mantido organizado para que todos possam trabalhar. Durante a atividade, um dos grupos passa a utilizar as cartolinas de forma inadequada, recortando-as sem propósito, espalhando cola propositalmente sobre a mesa de colegas e produzindo um nível de ruído que dificulta a concentração dos demais grupos.

Ao invés de aplicar uma punição arbitrária e desconectada do fato, como retirar pontos da avaliação ou proibir a turma toda de ir ao pátio durante o intervalo, a professora opta por aplicar uma consequência específica. Ela interrompe o trabalho daquele grupo e explica que, como eles ainda não estavam prontos para gerenciar o material coletivo e o espaço comum, perderam o direito de participar da atividade prática naquele dia.

Para que a aprendizagem dos participantes desse grupo não seja interrompida, a professora utiliza um recurso pedagógico alternativo: ela solicita que eles se sentem individualmente e realizem uma atividade equivalente. Em vez de discutirem coletivamente e elaborarem um cartaz, eles devem escrever um roteiro detalhado sobre o tema no caderno. Além disso, antes de saírem para o intervalo, esses estudantes deverão organizar todos os materiais que espalharam e limpar as mesas afetadas, permitindo, assim, que vivenciem a consequência da ação realizada.

Partindo desse caso, reflita:

Se você estivesse no lugar da professora, quais princípios orientariam sua decisão para lidar com essa situação e por quê?

O contexto dos comportamentos dos estudantes nas escolas brasileiras

A discussão sobre os comportamentos dos estudantes nas escolas brasileiras precisa partir do reconhecimento da complexidade dos desafios e problemas sociais que atravessam a sociedade brasileira, considerando as particularidades de cada território. É nesse cenário que se inserem as análises recentes sobre a intensificação dos desafios de convivência escolar, especialmente no período posterior à pandemia de COVID-19.

Nesse sentido, Vinha *et al.*, (2025) propõem analisar esses desafios de convivência e os comportamentos dos estudantes. Para além das tensões próprias da convivência escolar e da reprodução de violências pela instituição escolar, a percepção de agravamento dos problemas de convivência na escola por parte dos profissionais da educação tem sido confirmada pelo aumento da violência física e virtual, bem como pelo crescimento das



questões relacionadas à saúde mental, em comparação ao período anterior à pandemia, como destacam os autores no trecho a seguir:

Um estudo realizado com professores (ANE, 2023) encontrou que 71,9% perceberam um aumento da violência entre os estudantes, e 66%, maior agressividade dos alunos com os docentes e funcionários. Quase a totalidade considerou que a violência interfere no aprendizado (98,1%) e impacta a saúde mental e emocional dos estudantes (97,7%) e dos professores (96,4%) (Vinha *et al.*, 2025, p. 1).

Para os autores, essas percepções do aumento dos problemas de convivência que se manifestam na escola precisam ser analisadas e compreendidas a partir de diferentes dimensões. Para isso, propõem a discussão das manifestações violentas/agressivas, como o bullying, a reprodução de violências estruturais e as violências pela internet e no espaço escolar, bem como das manifestações perturbadoras dos processos educativos, como a indisciplina e a transgressão das normas.

No que se refere aos problemas de violência de comportamento e convivência, os autores documentam o aumento da manifestação dessas situações e sua relação com o crescimento das questões de saúde mental. Já no que se refere às situações perturbadoras, como indisciplina e comportamentos desafiadores, chamam a atenção para o papel fundamental das atitudes e práticas dos professores e como a aprendizagem da convivência no coletivo deve ser desenvolvida como um objetivo da escola.



Professora falando com aluna, que realiza a tarefa na sala de aula.

Fonte: Magnific

Dessa forma, uma vez constatado esse aumento dos comportamentos de inadequação e violência, Vinha *et al.*, (2025), entre outras coisas, consideram que a resposta para este desafio não é o aumento dos processos de disciplinarização e controle nas escolas, mas passa pela construção das políticas públicas para transformação dos discursos de ódio, bem como a construção de um ambiente escolar “que fomente pertencimento, bem-estar e saúde mental, [...], numa dimensão coletiva da segurança e do cuidado, com a produção de espaço comum e regulado na comunidade (Vinha *et al.*, 2025, p. 15).” Tais ações são mais potentes quando realizadas na forma de políticas integradas, articulando a escola com instituições de saúde, esporte, cultura, com a valorização dos professores e outros profissionais que atuam na educação e com a continuidade das discussões sobre esses desafios.



Princípios para lidar com os comportamentos desafiadores dos estudantes

Partindo do contexto brasileiro dos desafios analisados por Vinha *et al.*, (2025) e da proposta de Rogers (2008) e de Vasconcellos (2022) para pensarmos a consequência como a resposta pedagógica aos comportamentos desafiadores, Weinstein e Novodvorsky (2015) nos apoiam materialmente com a proposição de seis princípios para lidar com esses comportamentos.

- 1º** O primeiro princípio, **utilizar estratégias coerentes com o objetivo de construir um ambiente de sala de aula seguro e solidário**, chama a atenção para a postura do professor ao lidar com comportamentos inadequados. Trata-se de superar a busca pela obediência absoluta, em favor da escolha de intervenções que contribuam, de fato, para a construção de um ambiente propício à aprendizagem. Na prática, isso implica reconhecer que, independente da estratégia adotada, ela não deve expor o estudante a qualquer situação sensível ou constrangedora.



Professora auxiliando estudantes na sala de aula

Fonte: pch.vector / Magnific

Assim, para criar um ambiente seguro para o desenvolvimento dos estudantes, apesar de muitas vezes os comportamentos desafiadores também afetarem emocionalmente o docente, é importante evitar as disputas de poder. Nas intervenções em sala de aula, em vez de retomar todo o histórico de comportamentos inadequados ou formular julgamentos negativos sobre o estudante, tende a ser mais efetivo focar no comportamento específico e explicitar suas consequências. Além disso, é preferível, sempre que possível, adotar intervenções que evitem a exposição do estudante, preservando sua dignidade e individualidade.

Ao refletir sobre este princípio, é importante se questionar: A minha intervenção pode expor negativamente esse estudante diante dos colegas? Eu estou reagindo à norma que foi transgredida ou fazendo um julgamento sobre o estudante?

- 2º** O segundo princípio, **manter o programa de ensino em andamento com o mínimo de interrupções**, destaca a importância do professor buscar equilíbrio em suas intervenções. Interrupções excessivas podem comprometer o andamento da aula ao deslocar a atenção de toda a turma para uma situação específica; por outro lado,



ignorar completamente os comportamentos também pode inviabilizar o desenvolvimento das atividades. Nesse sentido, é recomendável priorizar intervenções de baixo impacto para o coletivo, como expressões faciais, contato visual, gestos discretos ou a proximidade física, que tendem a ser efetivos especialmente diante de comportamentos desafiadores mais leves e pontuais.

Ao refletir sobre este princípio, é importante se questionar: Ao perceber um comportamento inadequado, existe uma forma mais discreta e rápida de intervir sem interromper o fluxo da aula? Minha intervenção vai criar uma situação que desviará o foco da aula para um comportamento ou acontecimento? Isso é necessário e desejável neste momento?



PRÁTICA EM FOCO

Leia o seguinte caso:

Em uma aula de biologia do ensino médio, a professora Luana está fazendo uma exposição dialogada que iniciará uma sequência didática sobre ecossistemas, dando como principal exemplo a função da Costa de Corais que se estende no litoral entre Pernambuco e Alagoas. Enquanto se move pelo corredor da sala, que está enfileirada, percebe que no fundo da sala os estudantes estão trocando uma revista que mostra uma foto de um show de um cantor famoso que houve na cidade. A professora se aproxima da situação e olha firmemente para cada um dos estudantes, como quem diz "Vocês precisam guardar essa revista agora!" e continua a explicação enquanto mantém contato visual com o grupo. Os estudantes percebem o olhar da professora e devolvem a revista para uma das estudantes, que prontamente a guarda em sua mochila.

Adaptado de Weinstein e Novodvorsky, 2015

A partir do caso, reflita:

- Você acredita que a intervenção da professora Luana foi efetiva? Por quê?
- Em sua prática docente, você utiliza mais estratégias de intervenção verbais ou não verbais? Em quais momentos cada uma delas é mais efetiva em suas aulas?

3º

O terceiro princípio, **considerar o contexto das ações dos estudantes**, destaca que um mesmo comportamento pode ser aceitável em determinada situação e inadequado em outra. Isso implica a necessidade de analisar o contexto ao interpretar esses comportamentos. Para além de situações de violência, física ou psicológica, que configuram explicitamente violações das normas e combinados, a definição do nível de tolerância depende da proposta de aprendizagem, do momento da aula e das orientações da escola. Nesse processo, perguntas como 'Esse comportamento favorece ou prejudica o desenvolvimento da atividade?', 'Ele desrespeita alguma norma estabelecida?' ou 'Pode afetar ou ofender outros estudantes?' são fundamentais para orientar a tomada de decisão do professor.



- 4º** O quarto princípio, **ser preciso e oportuno ao decidir quando e a quem responder diante de problemas de comportamento**, refere-se ao tempo e a quem se destina as intervenções. Como apontado por Kounin (1970 apud Weinstein; Novodvorsky, 2015), dois erros são recorrentes nesse processo, o primeiro é permitir que um comportamento inadequado se repita sucessivamente, até se tornar um hábito para o estudante ou para a turma. Nesse sentido, como discutido na Unidade 1, o estabelecimento de normas e rotinas, aliado à responsabilização desde o início, constitui uma prática fundamental. O segundo erro ocorre quando a intervenção é direcionada ao estudante errado, especialmente em situações ambíguas ou quando o professor não consegue acompanhar tudo o que acontece na sala. Por isso, é essencial agir com cautela e reconhecer possíveis equívocos, a fim de evitar a produção de sentimentos de injustiça entre os estudantes. Para orientar essa tomada de decisão, o professor pode se perguntar: 'Se eu não intervier, esse comportamento tende a se repetir?' e 'Tenho evidências suficientes sobre quem está envolvido na situação?'



PRÁTICA EM FOCO

Em uma turma do 7º ano, durante a correção de exercícios, o professor ouviu uma brincadeira em voz alta no fundo da sala e, sem ter certeza de quem havia falado, chamou imediatamente a atenção de Júlia, que estava próxima ao grupo.

A estudante respondeu que não havia dito nada e dois colegas confirmaram sua fala. Percebendo o equívoco, o professor interrompeu a repreensão e disse à turma: "Eu me precipitei. Obrigado por me avisarem. Vou retomar a atividade e observar melhor a situação."

Refleta: Como a atitude do professor pode impactar a relação com os estudantes e a percepção de justiça no ambiente de aprendizagem?

- 5º** O quinto princípio, **escolher uma estratégia adequada ao comportamento**, destaca a importância de garantir que a resposta do professor seja proporcional e específica à ação que se deseja enfrentar. No cotidiano escolar, muitas vezes há poucos segundos para decidir como intervir diante de um comportamento inadequado. Nesse contexto, como observado por Pittman (1985 apud Weinstein; Novodvorsky, 2015), os professores tendem a categorizar os comportamentos desafiadores e suas respostas em três níveis: leves, como conversas paralelas e desvios durante uma atividade; graves, como discussões e transgressões de normas; e inaceitáveis, como violência física ou psicológica, *bullying* e outros comportamentos que violam a lei. Além disso, é importante considerar se o comportamento é pontual ou recorrente, buscando sempre ajustar a intensidade da intervenção à gravidade da situação.

Em muitos casos, comportamentos leves ou mesmo alguns mais graves ocorrem de forma pontual e podem ser enfrentados por meio de intervenções do próprio professor. Já comportamentos recorrentes ou inaceitáveis, em geral, demandam ações mais planejadas e articuladas com outros professores e/ou a equipe gestora. Para orientar esse processo de decisão, podem ser mobilizadas perguntas como: 'Qual é a gravidade des-



se comportamento?', 'A intervenção escolhida é proporcional a essa gravidade?' e 'Essa situação exige o envolvimento de outros profissionais da escola?'

6º Por fim, o sexto princípio, **ser sensível às questões culturais**, refere-se à necessidade de reconhecer que diferenças de valores, identidades (étnico-raciais, culturais e de gênero), estilos de comunicação e normas familiares influenciam diretamente os comportamentos dos estudantes. Esse princípio exige do professor uma postura reflexiva sobre suas próprias percepções e práticas, a fim de evitar interpretações equivocadas ou respostas desiguais. Diante disso, é importante perguntar: 'Sou mais paciente e encorajador com alguns estudantes do que com outros? Com quais?', 'Tendo a reprimir mais determinados estudantes?', 'Minhas expectativas de comportamento são atravessadas por vieses raciais ou de gênero?', 'Faço julgamentos baseados em estereótipos, como aparência, cortes de cabelo ou vestimentas?' e 'Ao lidar com a quebra de normas, estou atribuindo consequências consistentes e justas para todos?'

Por exemplo, estudantes que falam em tom mais alto não estão, necessariamente, desrespeitando as normas; esse comportamento pode refletir formas de comunicação próprias de seus contextos familiares ou socioculturais. Esses estudantes não podem ignorar regras de comunicação da escola, mas a sensibilidade a essas diferenças é essencial para evitar a reprodução de desigualdades nas intervenções disciplinares. Estudantes negros e de outros grupos minoritários, por exemplo, tendem a receber respostas disciplinares mais severas quando não atendem a expectativas comportamentais definidas a partir de referências da cultura hegemônica.



PARA APROFUNDAR

No debate sobre relações raciais e desigualdades no contexto escolar brasileiro, uma das pesquisas mais reconhecidas é a de Eliane Cavalleiro, apresentada no livro *Do silêncio do lar ao silêncio escolar* (2000). Nessa obra, a autora não apenas evidencia a presença de vieses raciais nas práticas punitivas em escolas da educação básica, como também apresenta amplas evidências do racismo no cotidiano das instituições de educação infantil, especialmente por meio da discriminação e processos de silenciamento que afetam as crianças negras no Brasil.

No contexto estadunidense, pesquisas de Russell Skiba e Megan Rausch (2006, apud Weinstein; Novodvorsky, 2015) também evidenciam o impacto do viés racial na desigualdade das punições aplicadas a estudantes negros. Os resultados indicam que essas disparidades não se explicam por uma maior incidência de comportamentos inadequados entre estudantes afro-americanos; ao contrário, revelam que esses estudantes são mais frequentemente encaminhados à direção e submetidos a sanções disciplinares por motivos menos graves e mais subjetivos.



Dessa forma, os princípios são um recurso para a reflexão e problematização da ação docente frente aos comportamentos desafiadores, que não esgotam a complexidade do tema, mas contribuem para a construção do comprometimento com a equidade, reafirmando o desenvolvimento das competências gerais da educação básica previstas na BNCC, como “valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais” e “exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação (Brasil, 2018).”



Professora séria observando alunos do ensino fundamental realizando suas tarefas em sala de aula, sentados em suas carteiras e escrevendo em seus cadernos. **Fonte:** pch.vector / Magnific

Retomando a pergunta inicial

Retomando nossa pergunta inicial **“como agir frente às diferentes situações desafiadoras que os estudantes nos apresentam?”**, ao longo da unidade vimos que não há respostas únicas para os diversos desafios relacionados ao comportamento. Cada situação exige do professor uma tomada de decisão pedagógica intencional, fundamentada e sensível ao contexto. Nessa perspectiva, os comportamentos dos estudantes não são vistos como problemas a serem controlados, mas como parte do processo educativo, que demanda intervenções coerentes com as normas e orientadas pelo ensino da responsabilidade, em lugar da punição (Weinstein; Novodvorsky, 2015; Vasconcellos, 2022).

Nesse sentido, agir implica analisar o contexto, escolher estratégias proporcionais e preservar a dignidade dos estudantes, equilibrando autoridade e liberdade. Assim, mais do que gerir comportamentos, trata-se de criar condições para que os estudantes compreendam as consequências de suas ações e desenvolvam autonomia, responsabilidade e respeito nas interações cotidianas, em consonância com a BNCC (Brasil, 2018).



Considerações finais

A gestão dos comportamentos dos estudantes constitui um dos atributos da profissão docente e deve ser compreendida como parte do processo educativo, e não como um elemento externo a ele. Ao reconhecer a complexidade das interações que ocorrem na sala de aula, o professor passa a assumir um papel ativo na construção de condições que favoreçam a aprendizagem e a convivência, orientando suas decisões por critérios pedagógicos, e não apenas reativos.

Na primeira unidade, discutimos a importância do estabelecimento de normas e rotinas como base para a organização do ambiente escolar. Evidenciou-se que dedicar tempo à estruturação do funcionamento da sala de aula não significa reduzir o tempo de ensino, mas criar condições para que as aprendizagens ocorram de forma mais consistente, com maior engajamento e menor incidência de interrupções.



Estudantes desenhando juntos. Fonte: freepik / Magnific

As normas foram apresentadas como elementos que expressam os valores que orientam a convivência, garantindo direitos fundamentais como o respeito, a segurança e o acesso à aprendizagem. Quando bem definidas e significativas para os estudantes, elas ajudam a estabelecer regras claras de convivência no coletivo. Já as rotinas foram discutidas como procedimentos que organizam o cotidiano, tornando previsíveis as ações e favorecendo a fluidez das atividades.

Na segunda unidade, discutimos formas de lidar com comportamentos desafiadores, partindo da distinção entre punição e consequência. Constatamos também que a punição, ao se basear na imposição de desconforto, contribui pouco para a aprendizagem, enquanto as consequências, quando articuladas às normas, possuem potencial formativo ao explicitar a relação entre ação e efeito. Essa perspectiva desloca o foco do controle para a responsabilização, favorecendo a compreensão dos comportamentos no contexto da convivência coletiva.

Também destacamos a complexidade do contexto dos comportamentos desafiadores nas escolas brasileiras pós-pandemia, que coloca a necessidade de uma tomada de decisão docente, que frequentemente exige respostas rápidas e contextualizadas. Nesse sentido, a construção de um repertório diversificado de estratégias torna-se essencial, permitindo ao professor avaliar a gravidade e a frequência dos comportamentos, bem como selecionar intervenções coerentes e proporcionais. A reflexão sobre princípios como o tempo da intervenção, a adequação das estratégias e a coerência das consequências contribui para qualificar a ação pedagógica.



A articulação entre as duas unidades permite entender que a gestão dos comportamentos não se limita à resposta a situações problemáticas, mas envolve, sobretudo, a construção de ambientes em que as expectativas são explícitas e as relações se pautam pelo respeito, pela escuta e pela corresponsabilidade. Nesses contextos, os comportamentos passam a ser compreendidos como parte do processo de aprendizagem, e não como obstáculos externos a ele.

Além disso, a sensibilidade às dimensões culturais, identitárias e sociais dos estudantes foi destacada como elemento essencial para a construção de práticas mais justas e equitativas. Considerar essas diferenças implica revisar expectativas, evitar julgamentos baseados em estereótipos e garantir que as intervenções pedagógicas não reproduzam desigualdades.

Por fim, reafirmamos que a gestão da sala de aula exige intencionalidade, reflexão contínua e compromisso com a aprendizagem de todos os estudantes. Ao reconhecer os comportamentos como parte integrante do processo educativo e ao mobilizar estratégias coerentes, o professor contribui para a construção de ambientes mais seguros, inclusivos e propícios ao desenvolvimento integral, fortalecendo práticas que promovem equidade e participação.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_ver-saofinal_site.pdf. Acesso em: 29 abr. 2026.

BRASIL. Ministério da Educação. **Conscientização para o uso de celulares na escola: por que precisamos falar sobre isso?** Brasília, DF: MEC, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/celular-escola/guia-escolas.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ROGERS, Bill. **Gestão de relacionamento e comportamento em sala de aula**. Trad. Gisele Klein. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente**. São Paulo: Cortez, 2022.

VINHA, Telma P.; NUNES, Cesar Augusto Amaral; TOGNETTA, Luciene Regina Paulino; ARAGÃO, Ana Maria Falcão de. **A convivência nas escolas: desafios e possibilidades**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 39, n. 115, e39115089, 2025. DOI: 10.1590/s0103-4014.202539115.006.

WEINSTEIN, Carol Simon; NOVODVORSKY, Ingrid. **Gestão da sala de aula: lições da pesquisa e da prática para trabalhar com adolescentes**. Porto Alegre: AMGH Editora, 2015.



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

